



A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 5 junho 2021

Número 5



Dumas, L.L. Obituário zoológico: os animais nas carreiras de Diego Maradona e Paolo Rossi 66-109



Obituário zoológico: os animais nas carreiras de Diego Maradona e Paolo Rossi

Leandro Lourenço Dumas

Laboratório de Entomologia, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cidade Universitária, 21941-971, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
lldumas82@gmail.com

Resumo

O futebol, um dos esportes mais populares do mundo, pode ser considerado um dos principais fenômenos socioculturais dos séculos XX e XXI. Os maiores responsáveis por isso, sem dúvida, são os artistas do espetáculo, os grandes jogadores que arrastam uma multidão para os estádios e prendem a atenção de milhões de espectadores na frente da TV. Alguns desses craques ganham status de heróis, lendas e até deuses, sendo considerados ídolos universais e atemporais. E, infelizmente, o ano de 2020 marcou o fim da trajetória em vida de dois desses ídolos – o argentino Diego Maradona e o italiano Paolo Rossi. Os animais são figuras frequentes na simbologia do futebol, aparecendo em nomes, escudos e mascotes de clubes e seleções em todo o planeta, em expressões corriqueiras do cotidiano futebolístico e até nos apelidos de grandes jogadores. Assim, como forma de homenagear Maradona e Rossi, este trabalho traz a narrativa das carreiras desses gênios da bola, relacionando-as à presença de animais nos 19 clubes e nas duas seleções nacionais defendidas por eles, assim como na simbologia dos principais torneios disputados com as camisas de suas seleções. Foram encontradas 21 etnoespécies, com grande predomínio dos mamíferos, sendo o cachorro doméstico o animal com mais aparições (quatro). Também é realizada breve discussão sobre o potencial de utilização desses símbolos para a popularização da Ciência, conservação da biodiversidade e aplicação no ensino.

Palavras-chave: Ciência e Cultura; esporte; futebol; Zoologia Cultural.

Abstract

Zoological obituary: the animals in the carriers of Diego Maradona and Paolo Rossi

Football (soccer), one of the most popular sports in the world, can be considered one of the main sociocultural phenomena of the 20th and 21st centuries. The major responsibility for this, actually, is from the artists of the show, the great players who draw a crowd to the stadiums and arrest millions of spectators' attention in front of the TV. Some of these stars acquire the status of heroes, legends and even gods, being considered universal and timeless idols. Unfortunately, 2020 marked the end of the life trajectory of two of these idols – the Argentine Diego Maradona and the Italian Paolo Rossi. In the symbology of football, animals are often figuring, appearing in names, emblems and mascots of clubs and national teams all over the world, in everyday expressions of football and even the nicknames of great players. Thus, as a means of honor Maradona and Rossi, this work brings the narrative of the careers of these geniuses of "the ball", relating them to the presence of animals in the 19 clubs and in the two national teams defended by them, as well as in the symbolism of the main tournaments disputed with the uniform of their selections. Twenty-one ethnospecies were found, with a large predominance of mammals and such the domestic dog, the animal that shows the higher number of appearances (four). There is also a brief discussion about the potential of using these symbols for the popularization of science, conservation of biodiversity and application in teaching.

Keywords: Cultural Zoology; Science and Culture; soccer; sports.

Resumen

Obituario zoológico: animales en las carreras de Diego Maradona y Paolo Rossi

El fútbol, uno de los deportes más populares del mundo, es considerado uno de los principales fenómenos



socioculturales de los siglos XX y XXI. Los principales responsables por eso, sin duda, son los artistas del espectáculo, los grandes jugadores que arrastran a la multitud a los estadios y captan la atención de millones de hinchas frente al televisor. Algunas de esas estrellas adquieren el status de héroes, leyendas e incluso dioses, siendo consideradas ídolos universales y atemporales. Lastimamente, en el año 2020 se marcó el final de la trayectoria de vida de dos de estos ídolos: el argentino Diego Maradona y el italiano Paolo Rossi. En el simbolismo del fútbol, los animales son cifras recurrentes, apareciendo en nombres, escudos y mascotas de clubes y equipos de todo el planeta, en expresiones cotidianas de la vida futbolística e incluso en los apodos de grandes jugadores. Así, como una manera de honor a Maradona y a Rossi, este trabajo presenta la narrativa de la carrera de esos genios de la pelota, conectándolos con la presencia de animales en los 19 clubes y en las dos selecciones nacionales defendidas por ellos, además en el simbología de los principales torneos disputados con las remeras de sus selecciones. Fueron relacionadas 21 etnoespecies, con gran predominio de mamíferos, siendo el perro doméstico el animal con más apariciones (cuatro). También hay una pequeña discusión sobre el potencial de utilizar esos símbolos para la divulgación de la ciencia, la conservación de la biodiversidad y sobre su aplicación en la enseñanza.

Palabras clave: Ciencia y Cultura; deportes; fútbol; Zoología Cultural.

Introdução

O futebol, esporte mais popular do planeta, pode ser considerado um dos principais fenômenos socioculturais dos séculos XX e XXI. Por ser um esporte globalizado e de massa, sendo capaz de mobilizar bilhões de pessoas nos cinco continentes, independentemente de etnia, credo, educação e classe social, o futebol influencia diversos segmentos da sociedade moderna, como a economia, a política, a religião e, é claro, a cultura (SOUZA *et al.*, 2011; ROSSETO-JR., 2014). Com isso, o esporte bretão consegue despertar uma enorme diversidade de sentimentos no torcedor, que podem ir desde a paixão até a frustração máxima, muitas vezes sem qualquer questionamento, superando até mesmo às outras relações sociais do cidadão. Outra capacidade magistral do futebol é a coletividade (HELAL, 1996): é comum que milhares de pessoas se reúnam para assistir a uma determinada partida de futebol, compartilhando os mesmos sentimentos e idolatrias, da mesma forma que uma tribo ou grupo religioso se congrega em prol de suas divindades. Assim, diante desse cenário de abrangência, as relações sociais atreladas ao futebol são fundamentais para entender as razões pelas quais um jogador se transforma em um mártir de uma torcida, tornando-se o principal produto desse esporte. São eles que justificam a capacidade do futebol de arrastar multidões, e a sua massificação e globalização midiática. Afinal, sem artistas não há espetáculo. Dessa forma, em cerca de 150 anos o futebol redefiniu a palavra esporte (POLI & CARMONA, 2009), gerando craques universais e atemporais que se tornaram celebridades, ídolos, lendas, heróis e, para muitos, até verdadeiros santos.

A relação do esporte, especialmente do futebol, com os animais é bastante antiga, datando dos primórdios de sua criação. Além do grande número de animais presentes na simbologia de associações esportivas, seja nos seus escudos, seja como mascotes, fornecendo identidade própria a esses clubes e seleções (*e.g.*, STRAUBE, 2010; DUMAS, 2020a,b), diversas expressões corriqueiras do mundo da bola fazem o uso de animais. Quem nunca ouviu falar de frases futebolísticas famosas, como “deu zebra”, “drible da vaca”, “linha burra”, “pombo sem asa”, “peixinho”, “onde a coruja dorme”, entre tantas outras que são amplamente utilizadas durante as partidas e resenhas esportivas? Nesse contexto, DA-SILVA (2018) fez um levantamento de 51 ditos populares utilizados no vocabulário do futebol brasileiro baseados em nomes ou partes de animais.

Além da simbologia dos clubes e das expressões populares, os animais também aparecem no futebol na forma de apelidos e alcunhas dadas aos jogadores por torcedores e jornalistas. A associação de determinado animal com algum craque dos gramados tem como intenção comparar o atributo daquele animal (inteligência, velocidade, força, agressividade, etc.) às principais qualidades do jogador. O primeiro grande craque do futebol brasileiro, Arthur Friedenreich, que jogou entre as décadas de 1910 e 1930, recebeu dos uruguaios o apelido de *El Tigre* após marcar o gol do título do Brasil no Campeonato Sul-Americano de 1919, contra o próprio Uruguai. Se mencionarmos Manoel dos Santos, um dos maiores gênios da bola de todos



os tempos, muitos não saberão de quem se trata; entretanto, se falarmos no seu mundialmente conhecido apelido, “Garrincha”, todos o reconhecerão¹. Outros craques do passado também eram apelidados com nomes de animais, caso de Zico, o “Galinho de Quintino”, alcunha dada pelo radialista Waldir Amaral pelo fato do craque, ainda jovem, ser cabeludo e correr muito; Eusébio, o “Pantera Negra”, ídolo português chamado assim por seu estilo de jogo explosivo e rápido; e Lev Yashin, goleiro russo de enorme destreza e que recebeu o apelido de “Aranha Negra” por jogar com uniforme completamente negro. Mais recentemente, grandes jogadores também receberam alcunhas de animais, como Edmundo, o “Animal”, apelido criado pelo narrador Osmar Santos por sua habilidade e temperamento explosivo; Carles Puyol, *El Tiburón*, zagueiro espanhol comparado a um tubarão por seu estilo de jogo temível, e Lionel Messi, *La Pulga*, que quando jovem teve problemas de crescimento que originaram o famoso apelido do “baixinho” craque argentino.

O final do ano de 2020 reservou muita tristeza e comoção mundial com a morte de dois grandes atacantes da história do futebol: o argentino Diego Maradona e o italiano Paolo Rossi, falecidos em 25 de setembro e em 9 de dezembro, respectivamente. A morte de Maradona, mesmo diante de uma pandemia que assola o planeta, causou uma enxurrada de tristeza e manifestações de luto nas ruas da Argentina, em especial na capital portenha (Figura 1), onde foi decretado luto oficial de três dias. Da mesma forma, muitas manifestações de carinho ao italiano, carrasco brasileiro na Copa do Mundo de 1982, foram proferidas em todo o mundo. Isso só prova que a relação do futebol e seus craques com a sociedade não se restringe apenas às quatro linhas. Assim, como uma forma de homenagear essas feras do futebol, o presente trabalho irá trazer a relação de diversos animais, como a joaninha, o dourado, o gato, o asno, a zebra, entre outros, com a carreira desses dois craques consagrados do mundo da bola.



Figura 1. Diversas manifestações de carinho após a morte de Diego Maradona tomaram as ruas de Buenos Aires, capital da Argentina (1A e 1B), e de Nápoles, na Itália, onde o craque brilhou defendendo as cores do clube italiano (1C). Na capital portenha, o abraço e o choro de torcedores do Boca Juniors, equipe pela qual Maradona jogou e da qual era torcedor, e do River Plate, clubes com uma das maiores rivalidades do futebol mundial, emocionou o planeta (1D). Fontes: ADUSB (1A); BRASIL DE FATO (1B); REUTERS (1C, 1D).

1. Garrincha recebeu esse apelido de sua irmã ainda na infância, passada no distrito de Pau Grande, em Magé (RJ). Uma de suas brincadeiras prediletas era caçar passarinhos com seu bodoque, especialmente *Troglodytes musculus* (Naumann, 1823) (Passeriformes: Troglodytidae), uma espécie de pássaro com belos tons pardos e canto melodioso, muito comum na região e conhecida popularmente como cambaxirra, corruíra ou garrincha.



Material e métodos

Para a realização deste trabalho foram analisadas as relações dos animais presentes na história dos 13 clubes da carreira de jogador, treinador e até como dirigente de futebol de Diego Maradona e das seis equipes pelas quais Paolo Rossi atuou como jogador. Além disso, também foi avaliada a presença de animais nas seleções da Argentina e da Itália, pelas quais ambos foram campeões mundiais, e na simbologia das principais competições nas quais ambos jogaram defendendo a camisa de suas respectivas seleções nacionais. No fim, foi realizada uma breve discussão sobre o potencial de utilização desses símbolos para a conservação da biodiversidade e aplicação no ensino.

As informações acerca das carreiras de Diego Maradona e Paolo Rossi foram obtidas em livros, sites e blogs de revistas e jornais esportivos. Para o levantamento dos animais que representam equipes, seleções e torneios citados aqui foram consultados sites, redes sociais e blogs oficiais de federações e clubes pelos quais esses jogadores atuaram, além de revistas e jornais especializados. As citações de livros, sites de jornais, revistas e blogs referentes aos clubes e seleções, bem como informações mais específicas das carreiras dos jogadores (*e.g.*, declarações de Maradona e Rossi reproduzidas na integralidade), são fornecidas ao longo do texto. Abaixo segue a lista dos principais veículos de comunicação e dos sites oficiais dos clubes e federações consultados para a realização deste estudo.

Diego Maradona

- FIFA – A tribute to Diego Maradona; disponível em: <https://www.fifa.com/news/a-tribute-to-diego-maradona>.
- Memorias del Fútbol – La Leyenda de Maradona; disponível em: <https://memoriasdelfutbol.com/maradona-leyendas-futbol>.
- Revista Série Z – Quando “Dios” não esteve nos holofotes; disponível em: <https://revistaseriez.org/2020/11/26/quando-dios-nao-estteve-nos-holofotes>.
- Trivela – Como a infância do menino-craque de Villa Fiorito moldou o talento e a personalidade do gênio Maradona; disponível em: <https://trivela.com.br/america-do-sul/argentina/como-a-infancia-do-menino-craque-de-villa-fiorito-moldou-o-talento-e-a-personalidade-do-genio-maradona>.

Paolo Rossi

- FIFA – A tribute to Paolo Rossi; disponível em: <https://www.fifa.com/news/a-tribute-to-paolo-rossi>.
- Goal – Paolo Rossi, l’epopea di Pablito: la storia dell’hombr del Mundial; disponível em: <https://www.goal.com/it/notizie/paolo-rossi-lepoepa-di-pablito-ascasa-caduta-e-rinascita/ikbhg1t70x zr1avnfuupktf82>.

Sites oficiais de clubes

- Al Wasl (Emirados Árabes Unidos) - <http://www.alwaslsc.ae>.
- Argentinos Juniors (Argentina) - <http://www.argentinosjuniors.com.ar>.
- Barcelona (Espanha) - <https://www.fcbarcelona.com/en>.
- Boca Juniors (Argentina) - <https://www.bocajuniors.com.ar>.
- Como (Itália) - <https://comofootball.com>.
- Deportivo Mandiyú (Argentina) - <https://clubdeportivomandiyu.com>.
- Dinamo Brest (Bielorrússia) - <https://dynamo-brest.by>.
- Dorados de Sinaloa (México) - <http://www.doradosfc.com.mx>.
- Fujairah FC (Emirados Árabes Unidos) - <http://www.fujfc.ae/ar>.
- Gimnasia y Esgrima (Argentina) - <http://www.gimnasia.org.ar>.
- Hellas Verona (Itália) - <https://www.hellasverona.it>.
- Juventus (Itália) - <https://www.juventus.com/it>.
- Milan (Itália) - <https://www.acmilan.com/it>.
- Napoli (Itália) - <https://www.sscnapoli.it>.
- Newell’s Old Boys (Argentina) - <http://www.newellsoldboys.com.ar>.



- Perugia (Itália) - <https://www.acperugiacalcio.com>.
- Racing (Argentina) - <https://www.racingclub.com.ar>.
- Sevilla (Espanha) - <https://sevillafc.es>.
- Vicenza (Itália) - <https://www.lrvicenza.net>.
- Twitter @Bichitos Francis; disponível em: <https://twitter.com/bichitofrancis>.

Sites de federações

- Asociación del Fútbol Argentino (AFA) - <https://www.afa.com.ar/es>.
- Confederación Sudamericana de Fútbol (Conmebol) - <https://www.conmebol.com>.
- Fédération Internationale de Football Association (FIFA) - <https://www.fifa.com>.
- Federazione Italiana Giuoco Calcio (FIGC) - <https://www.figc.it/it/home>.
- Union of European Football Associations (UEFA) - <https://pt.uefa.com>.

Resultados e discussão

Ao longo de suas carreiras, Maradona e Rossi defenderam, somados, as cores de 19 clubes. O craque argentino passou por 13 equipes, sendo seis na Argentina, duas nos Emirados Árabes Unidos, duas na Espanha, uma na Itália e uma no México. Já o jogador italiano defendeu seis equipes, todas em seu país natal. Além dos clubes, ambos atuaram por suas seleções nacionais, fato que os consagraram como craques mundiais após ambos conquistarem a Copa do Mundo. Considerando a simbologia de todas as camisas defendidas por eles, assim como as principais competições disputadas por suas seleções, 21 etnoespécies de animais aparecem na carreira desses jogadores, seja no escudo, seja como mascote, ou em ambos os símbolos das equipes e torneios (Tabela I). O grupo mais representado foi o dos mamíferos, com 14 aparições (66% do total), seguido pelas aves, com apenas três representantes (14%). Répteis, peixes e insetos possuem apenas uma única aparição cada e um animal mitológico também aparece em um dos clubes (5% cada um). O único animal com mais de uma representação é o cachorro doméstico, *Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae), que aparece quatro vezes.

O amplo uso de mamíferos é uma característica corriqueira na simbologia das agremiações esportivas, especialmente em clubes e seleções de futebol, conforme destacado por DUMAS (2018; 2020a). Essa forte relação com nossos parentes mais próximos pode ser observada desde o desenvolvimento das civilizações do Neolítico. Possivelmente está relacionada com as similaridades morfológicas e, principalmente, comportamentais entre a nossa espécie e os demais mamíferos, como o forte cuidado parental com a prole e a amamentação dos filhotes (DUMAS, 2020a).

Diego Armando Maradona (1960-2020)

Maradona, o jogador

Nascido em 1960 na cidade argentina de Lanús, localizada na província de Buenos Aires, Diego Armando Maradona tem a história de vida típica da maioria dos grandes craques do futebol mundial. Menino pobre, Diego e seus sete irmãos cresceram em Villa Fiorito, uma comunidade pobre no sul da Grande Buenos Aires onde residiam muitos imigrantes, sobretudo de origem italiana e espanhola. Foi criado em uma casa sem água encanada por sua mãe, Dona Tota, e seu pai, Don Diego, que trabalhava em uma fábrica de moer ossos para tirar o sustento da família. Desde pequeno, quando ganhou sua primeira bola de futebol aos dois anos de idade, o menino Diego já tinha uma relação íntima com sua “melhor amiga”, demonstrando uma habilidade quase extraterrestre nos campinhos de terra batida (conhecidos como *potreros*) de Villa Fiorito, em especial defendendo a equipe amadora de garotos do Estrella Roja, comandado por seu pai. Com isso, chamou a atenção do treinador das divisões de base do Argentino Juniors, Francisco Cornejo, que pagou a passagem para que o ainda futuro craque fizesse um teste na sede do clube, em La Paternal, na capital portenha. Maradona, então com oito anos, precisou de apenas um lance para convencer o treinador a incorporá-lo ao clube. Em seu livro chamado *CEBOLLITA MARADONA*, CORNEJO (2001) escreveu:



“Dizem que pelo menos uma vez na vida todos os homens assistem a um milagre, mas a maioria não se dá conta disso. Eu, sim. O meu aconteceu numa tarde de um sábado de março de 1969 sobre a grama molhada do Parque Saavedra quando um garoto baixinho, que me disse ter oito anos — e eu não botei fé — fez maravilhas com a bola. Coisas que eu nunca vi ninguém fazer. Tem uma que nunca vou esquecer porque fecho os olhos e continuo vendo como se fosse ontem. Ontem, eu disse? Não, ontem, não. É como se estivesse vendo agora mesmo. Quando a bola chega a um jogador vindo alta no ar, o que ele faz é baixá-la com o pé e depois a deixa cair no chão, então ele chuta ou toca. Isso é o que todos fazem. Mas aquele menino, não, aquele menino fez outra coisa; dominou-a com a canhota no ar e, sem a deixar tocar no chão e com o pé ainda no ar, voltou a pegá-la para dar um chapéu num adversário e disparar rumo à meta contrária”.

Tabela I. Os animais nas carreiras de Diego Maradona e Paolo Rossi, mostrando os clubes, seleções e torneios nos quais aparecem. (M) = animais que aparecem na carreira de Maradona; (R) = animais que aparecem na carreira de Rossi.

Etnoespécie	ID mais precisa	Classe	Referências
asno	<i>Equus africanus asinus</i>	Mammalia	Napoli (mascote) ^M
cachorro	<i>Canis lupus familiaris</i>	Mammalia	Como (mascote antiga) ^R Copa do Mundo 1994 (mascote) ^M Juventus (mascote antiga) ^R Hellas Verona (escudo) ^R
cavalo	<i>Equus ferus caballus</i>	Mammalia	Napoli (escudo antigo) ^M
coelho-europeu	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Mammalia	Dínamo Brest (mascote) ^M
dourado-do-mar	<i>Coryphaena hippurus</i>	Actinopterygii	Dorados (escudo e mascote) ^M
garça-real	<i>Ardea cinerea</i>	Aves	Como (escudo antigo) ^R
gato-doméstico	<i>Felis silvestris catus</i>	Mammalia	Vicenza (mascote) ^R
grifo	Animal mitológico	--	Perugia (escudo e mascote) ^R
guepardo	<i>Acinonyx jubatus</i>	Mammalia	Al Wasl (mascote) ^M
jacaré-do-pantanal	<i>Caiman yacare</i>	Reptilia	Deportivo Mandiyú (mascote) ^M
joaninha	Coccinellidae	Insecta	Argentino Juniors (mascote) ^M
leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia	Seleção Italiana (mascote) ^R
leopardo	<i>Panthera pardus</i>	Mammalia	Copa do Mundo 2010 (mascote) ^M
lobo-árabe	<i>Canis lupus arabs</i>	Mammalia	Al Fujairah (escudo) ^M
lobo-cinzentos	<i>Canis lupus</i>	Mammalia	Gimnasia y Esgrima (mascote) ^M
mergulhão-de-crista	<i>Podiceps cristatus</i>	Aves	Como (mascote) ^R
morcego	Chiroptera	Mammalia	Barcelona (escudo antigo) ^M
sabiá-laranjeira	<i>Turdus rufiventris</i>	Aves	Copa América 1989 (mascote) ^M
touro	<i>Bos taurus taurus</i>	Mammalia	Juventus (escudo antigo) ^R
zebra	<i>Equus sp.</i>	Mammalia	Juventus (escudo antigo e mascote) ^R

Foi então que em 1976 ele sai do juvenil diretamente para o profissional do Argentino Juniors e, com apenas 15 anos, estreia em partida oficial do Campeonato Argentino contra o Talleres. No ano seguinte Maradona é convocado para a seleção nacional de seu país, recebendo o apelido de *El Pibe de Oro* (O Menino de Ouro, em espanhol) por reunir inteligência, gana e um talento sobrenatural, com sua velocidade e canhota espetacular, exibindo um leque de dribles magistrais. A partir daí Maradona se transformou no gênio extraordinário que encantou o mundo, sendo considerado um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos. Em um momento futuro, Maradona ainda ganharia outro apelido dos argentinos, que reflete o que



ele representa no mundo do futebol – *Dios* (Deus). Como jogador, o ídolo defendeu seis clubes, com destaque para o Barcelona (Espanha), o Napoli (Itália), onde é ídolo maior até hoje, e o Boca Juniors (Argentina), onde teve duas passagens e pelo qual se aposentou como jogador, em 1997, sendo a equipe *xeneize*², como é conhecido o Boca, o clube de coração do jogador argentino. Mas foi na seleção de seu país que Maradona atingiu a glória maior de sua carreira, principalmente ao conquistar, com atuações arrebatadoras, a Copa do Mundo de 1986, realizada no México, o segundo título mundial dos argentinos (Figura 2).

Diego Armando Maradona

1960 † 2020



1976-81
167j / 116g



1981-82
1995-97
71j / 35g



1982-84
58j / 38g



1984-91
259j / 115g



1992-93
30j / 7g



1993-94
5j / 0g



1977-94
91j / 34g

345 GOLS

Campeão do Mundo (1986)
Campeão Argentino (1981)
Campeão Italiano (1987, 1990)
Campeão Copa da UEFA (1989)

Figura 2. Carreira de Diego Maradona como jogador, onde defendeu seis clubes: Argentino Juniors (Argentina), Boca Juniors (Argentina), Barcelona (Espanha), Napoli (Itália), Sevilla (Espanha), Newell's Old Boys (Argentina) (da esquerda para a direita na figura), além da Seleção Argentina (em destaque). (j) = número de jogos por cada clube; (g) = número de gols por cada clube. Fonte das imagens: GOOGLE IMAGENS.

O Argentino Juniors foi o primeiro clube profissional da carreira de Maradona, onde ele jogou entre 1976 e 1981, sendo artilheiro do Campeonato Argentino por dois anos consecutivos. O clube possui uma raiz socialista desde sua criação, quando foi fundado como Mártires de Chicago, uma homenagem aos trabalhadores mortos em protesto ocorrido em 1º de maio de 1886 na cidade estadunidense. O vermelho de sua camisa foi escolhido pela simpatia de seus fundadores com o Partido Socialista Argentino (GONZÁLEZ, 2019). O clube é apelidado de *Bichitos Colorados* (Joaninhas, em espanhol), sendo, assim, representado pela imprensa argentina e por seus torcedores pelo popular besouro com suas tradicionais pintas (Figura 3). O inseto aparece até mesmo em faixas e muros nos arredores do estádio do clube, batizado com o nome de seu

2. O Boca Juniors é chamado de *xeneize* em alusão aos primeiros habitantes do tradicional bairro portenho La Boca, que deu nome ao clube e onde fica o estádio de La Bombonera. Esses primeiros moradores eram, em sua maioria, imigrantes italianos, especialmente genoveses da região italiana da Ligúria, onde se fala o dialeto conhecido como Zena. Na Itália eram denominados de *zeneixis*, termo que, por deformidade, deu origem na Argentina ao *xeneize* utilizado pela imprensa e pela torcida auriceleste.



maior ídolo – Estádio Diego Armando Maradona. O apelido do clube foi criado em 1957 pelo colunista Diego Lucero, do jornal CLARÍN, com a expressão aparecendo no início de uma matéria sobre a partida diante do Boca Juniors, possivelmente em alusão à camisa colorada da equipe de La Paternal e ao fato de estarem assustados como insetos com a pressão inicial do adversário. Porém, o jogo acabou com uma vitória para a equipe do Argentino Juniors, mesmo em domínios adversários e sofrendo essa pressão inicial da equipe *xeneize*, descrita assim por Lucero (BARNADE, 2017):

"Quando ontem, nas margens do Riachuelo, campo do Boca, clube famoso e uma equipe que já conheceu muitas glórias (hoje em declínio), Mansilla, o seu centroavante, acertou a bola na madeira da baliza de Madeira [goleiro do Argentino Juniors] (eram cinco minutos). Parecia que os "bichitos colorados" de La Paternal seriam moleza para os *xeneizes*."

A expressão pegou e Lucero passou a usar o termo *Bichitos Colorados* para se referir ao Argentino Juniors em diversas outras oportunidades, especialmente no ano de 1960, quando a equipe foi uma das sensações do campeonato nacional e quase conquistou o título. Assim, até hoje, uma joaninha representa o clube de La Paternal.

Joaninhas são insetos classificados na ordem dos coleópteros, popularmente chamados de besouros, e que pertencem à família dos coccinélídeos (Coccinellidae), grupo com cerca de 6.000 espécies distribuídas em todo o mundo, 325 das quais ocorrendo no Brasil (CASARI & IDE, 2012). São besouros pequenos, com comprimento em média de 1 mm até 10 mm, de corpo compacto e esférico ou semiesférico, geralmente muito coloridos. Os mais conhecidos possuem o corpo vermelho com manchas redondas pretas, mas existem muitos com tons alaranjados, amarelados e até esverdeados, e outros castanhos ou acinzentados. Apesar da fama de "boazinha" desses insetos, as joaninhas são predadores vorazes. Elas se alimentam de outros artrópodes, especialmente ovos, larvas e adultos de insetos e ácaros que são pragas de plantas, como pulgões, cochonilhas, moscas-brancas e até lagartas desfolhadoras, o que as torna excelentes no controle natural de pragas biológicas de culturas agrícolas e jardins, evitando o uso de pesticidas químicos tóxicos (GUERREIRO, 2004). Possui cores exuberantes, que são consideradas aposemáticas, uma vez que o inseto, como forma de defesa, secreta um fluido amarelado pelas junções das pernas, que tem gosto e cheiro ruins, alertando com sua coloração vibrante ao predador sobre sua impalatabilidade (CASARI & IDE, 2012).

Apesar da comum aversão pela maioria dos insetos, as joaninhas estão dentre os mais conhecidos e apreciados pelas pessoas, muito em função da beleza do animal e da suposta aparência frágil. Elas são ricas em simbolismos positivos em muitas culturas ao redor do mundo, sendo símbolos de amor, boa sorte e bom agouro, equilíbrio, fartura, fertilidade e renovação (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021a). Além disso, um fato histórico também leva à admiração desses insetos: uma lenda disseminada na Europa durante a Idade Média afirma que, ao terem suas lavouras atacadas por diversas pragas, muitos agricultores pediam ajuda aos céus, rezando para a Virgem Maria, e a mesma teria enviado as joaninhas para proteger as colheitas (BARNES, 1997). Em 1888, nos Estados Unidos, a história se repetiu e as plantações de citros da Califórnia, infestadas de pragas, foram salvas graças ao uso de joaninhas no controle biológico. Com isso, as joaninhas também refletem sinal de boa sorte por lá. Seu nome em inglês, *lady bug*, deriva dessas histórias, já que eram conhecidos como "o inseto de Nossa Senhora" (*bugs of Our Lady*, em inglês). E isso se repete em diversas línguas pelo mundo, caso do espanhol (*mariquita*, *mariazinha*), do alemão (*Marienkäfer*, besouro de Maria), do francês (*bête a Dieu*, besouro de Deus), entre outras. Já em Portugal, apesar de serem chamados de "bichos de Nossa Senhora" em algumas localidades, são mais associados a outros santos católicos, como nas Ilhas Canárias, onde são conhecidos como "bichos de Santo Antônio", e na Ilha da Madeira, conhecidos como "bichos de São João", de onde derivou seu famoso nome em português – joaninha (DIAS, 2017).

Após passagem pelo Boca Juniors, que tem como mascote um italiano em alusão à colônia genovesa que vive no bairro La Boca (MEDIOTEMPO, 2020), Maradona, então com 22 anos, foi para a Europa, chegando na Espanha para defender as cores do poderoso Barcelona. O clube catalão não possui animais em sua simbologia atual, mas, como destacado por DUMAS (2020b), um morcego, mamífero da ordem Chiroptera, já figurou no primeiro escudo da equipe. Entre 1899 e 1910, o clube catalão usava como escudo o velho brasão



de armas da cidade de Barcelona, que tinha o animal representado em nítida alusão ao antigo reinado da Coroa de Aragão, anterior à formação da Espanha e da qual a cidade fazia parte. Atualmente, o Barcelona tem como mascote o Abuelo del Barça, um vovô barcelonês em homenagem a Joan Casas, fanático torcedor da equipe.

Argentino Juniors (Argentina)



Figura 3. Argentino Juniors, primeiro clube profissional de Maradona, conhecido como *Bichitos Colorados* e que tem uma joaninha como mascote. **3A.** Escudo; **3B.** Ilustração do mascote dos *Bichitos Colorados*; **3C.** joaninha da espécie *Coccinella septempunctata* Linnaeus, 1758, encontrada na Europa e que recebeu o conhecido nome popular do inseto; **3D.** Maradona com a camisa do Argentino Juniors; **3E.** Mascote de campo, Francis Bichito, batizado em homenagem a Francisco Cornejo, técnico que revelou Maradona; **3F.** Murais nos arredores do Estádio Diego Armando Maradona, em La Paternal, com joaninhas desenhadas (em destaque nos círculos amarelos). Fontes: GOOGLE IMAGENS (3A); AGÊNCIA NOVA DEPORTES (3B); WIKIPEDIA (3C); O FUTEBÓLOGO (3D); Twitter @BichitoFrancis (3E); TECER FÚTBOL (3F).

Em 1984, após problemas extracampo na Espanha que levaram ao conhecido vício do jogador em substâncias ilícitas, Diego Maradona chegou ao clube italiano do Napoli após uma transação milionária. Pode-se dizer que Maradona mudou a história do clube com uma passagem marcante, immortalizando-se como o maior ídolo napolitano. Durante o período em que Maradona atuou no clube, o Napoli conseguiu seu primeiro título italiano, em 1987, e sua primeira conquista intercontinental, a Copa da UEFA em 1990, com campanhas que consagraram Maradona de vez na Itália, especialmente em Nápoles, onde passou a ser tratado com o status de um deus. Ele conseguiu até mesmo que os napolitanos torcessem contra a própria Itália na Copa do Mundo de 1990, em semifinal contra a Argentina disputada no Estádio San Paolo, em Nápoles.



O clube italiano, fundado por ingleses, possui uma curiosa mascote, um jumento ou asno³, *Equus africanus asinus* Linnaeus, 1758 (Perissodactyla: Equidae) (Figura 4). O Napoli trazia a imagem de um cavalo, *Equus ferus caballus* Linnaeus, 1758, em seu primeiro escudo, com o animal sendo apresentado em posição rampante. O cavalo era o símbolo do Reino de Nápoles no século XIX. Porém, em 1927, ano de sua estreia na primeira divisão italiana, o clube teve um desempenho muito ruim. Como provocação, as torcidas rivais “substituíram” o cavalo pelo asno, chamando o clube de *Il Ciucciarelli* (Os Jumentinhos, em italiano). Assim, o clube *azzurri*, como é conhecido, retirou o cavalo do escudo para evitar problemas, mas o asno acabou se transformando na mascote da equipe. Em 1930, em confronto com a Juventus, os torcedores napolitanos levaram um asno de verdade para o estádio, todo ornamentado com fitas azuis (ANDREATO, 2015). E essa tradição permanece nos dias de hoje, onde é possível, mediante pagamento de uma pequena quantia, tirar foto com a mascote, um asno de verdade.

Napoli (Itália)

4A



4B



4C



4D



4E



4F



Figura 4. Napoli, clube pelo qual Maradona mais jogou na carreira, tem um asno como mascote. **4A.** Escudo atual; **4B.** Presença do asno vestido com as cores do clube em dias de jogos; **4C.** Ilustração da mascote; **4D.** Maradona com camisa do Napoli e taça do título italiano de 1987; **4E.** Primeiro escudo do clube, que trazia a imagem de um cavalo rampante; **4F.** Asno, *Equus africanus asinus*. Fontes: GOOGLE IMAGENS (4A); POETICO NAPOLETANO (4B); RICCARDO DE CONCILLIS (4C); ALESSANDRO SABATTINI/GETTY IMAGES EUROPE (4D); THE EQUINEST (4F).

3. Jumento, burro, asno e jegue (*Equus africanus asinus*) são nomes populares usados para designar uma espécie de equino do grupo dos asininos, muito parecida com seus parentes mais próximos, os cavalos (*Equus ferus caballus*). Já no Brasil, burro e mula são designações para, respectivamente, machos e fêmeas que resultam do cruzamento entre o jumento e a égua (fêmea do cavalo), e bardoto, para o cruzamento de cavalos com jumentas. Ou seja, duas espécies parentais distintas que, ao procriarem, geram descendentes, chamados em conjunto de muares. Esses descendentes, no entanto, são inférteis devido à diferença no número de cromossomos das espécies parentais, que leva à falta de produção de espermatozoides nos burros e à baixa produção de ovócitos nas mulas (ALLEN & SHORT, 1997). Em conjunto, as duas espécies são chamadas de asininos, enquanto os cavalos são referidos como equinos.



Atualmente os asnos estão espalhados por todo o mundo, mas sua origem remete às regiões áridas do nordeste da África e da Península Arábica, onde ocorre o asno-selvagem-africano [*Equus africanus* (von Heuglin & Fitzinger, 1866)] e cuja domesticação, há cerca de 5.000 anos, deu origem à subespécie do asno doméstico (BEJA-PEREIRA *et al.*, 2004). São muito parecidos com os cavalos, mas com orelhas maiores e cauda que lembra mais a das vacas. Mesmo sendo menores que os cavalos, os asnos são muito utilizados como animais de montaria e, principalmente, de tração e de carga, já que dentre as suas características cruciais para uma vida no deserto destacam-se o equilíbrio, a resistência e a força física, sendo capazes até mesmo de subir montanhas íngremes. Assim, são grandes prestadores de serviços à humanidade desde o início das civilizações e são muito utilizados até os dias atuais, principalmente nas zonas rurais, onde auxiliam nos trabalhos agrícolas e no transporte de produtos e pessoas (BEJA-PEREIRA *et al.*, 2004). São animais muito sociais e tremendamente inteligentes, até mais que os cavalos, e o uso negativo do termo jumento, asno e burro para designar pessoas pouco inteligentes não se justifica (HUGGINS, 2002). Talvez pelo fato de serem animais cautelosos e observadores, que se recusam a passar por situações potencialmente perigosas para eles, é que tenha gerado a fama de animal teimoso e, conseqüentemente, de “burro”, incapazes de aprender. Quando o asno se assusta sua reação é empacar, diferentemente do cavalo que costuma saltar em pânico (VIVIERS, 2019). Essa fama injustificada de ser ignorante é bastante antiga, e já era retratada desde o ano 600 a.C., onde na antiga Grécia já aparecia em contos e fábulas, como as de Esopo.

O ano de 1991 marcou o fim da passagem de Maradona por Nápoles, após uma longa suspensão por doping por uso de cocaína. Dessa forma, após o período fora dos gramados, o craque argentino retornou à Espanha, dessa vez para defender as cores do Sevilla, clube da região da Andaluzia. Sua passagem pela equipe, porém, foi curta, durando pouco mais de um ano. O Sevilla, fundado por ingleses e espanhóis, não possui uma mascote oficial. Na temporada 1996-1997 os *Palanganas*, como são conhecidos, adotaram Kiké, um menino vestido com roupas esportivas dos anos 1940, e, em 2005, ano em que comemorou seu centenário, o clube espanhol chegou a ter um coração batizado de Locco, representando a paixão de sua torcida. Na temporada 2019-2020 o Sevilla abriu em seu site oficial um concurso entre seus torcedores para a criação de uma nova mascote, onde surgiram diversos animais entre os 28 candidatos, tais como uma coruja, um leão, um touro, entre outros (EL DESMARQUE, 2019). Porém, além de não oferecer nada ao vencedor, o clube ainda exigia a cessão de todos os direitos de imagem, o que levou a uma enxurrada de críticas e ao não prosseguimento do concurso.

Com os problemas extracampo e, conseqüentemente, ausências frequentes nos treinamentos da equipe, Maradona acabou saindo do Sevilla, após passagem de pouco brilho. O jogador decidiu retornar à Argentina, em 1993, após mais de uma década na Europa, dessa vez para defender o Newell's Old Boys. O clube rubro-negro da cidade de Rosário não possui mascote oficial, sendo apelidado de “Lepra” por aceitar participar de um amistoso beneficente em prol dos que possuíam a doença no início do século XX (MEDIOTEMPO, 2020). Porém, os problemas da vida pessoal do craque persistiram e, após cinco partidas oficiais e nenhum gol marcado (o único gol anotado pelo clube foi diante do Emelec, do Equador, em um amistoso em sua estreia), o presidente do clube argentino decidiu rescindir seu contrato, com base em avaliação médica que decretava “falta de condições psicológicas” para continuar a jogar futebol. Após nova suspensão por doping, dessa vez usando a camisa da seleção nacional durante a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, retorna ao Boca Juniors em 1995, repetindo as passagens sem brilho por Sevilla e Newell's Old Boys, encerrando sua carreira como jogador em outubro de 1997, quando disse: “Estou cansado e entregue”. No total, o astro argentino conquistou 12 títulos e disputou quatro Copas do Mundo em seus 21 anos como jogador profissional, terminando como maior artilheiro em sete competições disputadas – Torneio Metropolitano da Argentina (1978, 1979 e 1980), Campeonato Argentino (1979 e 1980), Campeonato Italiano (1987) e Copa da Itália (1988).

Maradona, o treinador

Maradona também se arriscou na carreira de treinador, passando por seis equipes além da Seleção Argentina, a qual comandou na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul (Figura 5). Diferentemente da sua



vitoriosa carreira como jogador, *El Pibe de Oro* não obteve o mesmo sucesso que atingiu dentro das quatro linhas e jamais conquistou um título em sua carreira como treinador.

Diego Armando Maradona

1960 † 2020



1994
12 jogos
(1V, 6E, 5D)



1995
11 jogos
(2V, 6E, 3D)



2011-12
23 jogos
(11V, 3E, 9D)



2017-18
11 jogos
(7V, 3E, 1D)



2018-19
38 jogos
(20V, 9E, 9D)



2019-20
21 jogos
(8V, 4E, 9D)



2008-10
24 jogos
(18V, 6D)

Sem títulos conquistados
como treinador

Figura 5. Carreira de Diego Maradona como treinador, onde comandou seis clubes: Deportivo Mandiyú (Argentina), Racing Club (Argentina), Al Wasl (Emirados Árabes Unidos), Al Fujairah (Emirados Árabes Unidos), Dorados de Sinaloa (México), Gimnasia y Esgrima (Argentina) (da esquerda para a direita na figura), além da Seleção Argentina (em destaque). (V) = vitórias; (E) = empates; (D) = derrotas. Fonte das imagens: GOOGLE IMAGENS; DAVID CANNON/GETTY IMAGES EUROPE (foto de Maradona).

A trajetória de Maradona como técnico teve início ainda em 1994, quando aproveitou o período de sua suspensão por doping para treinar a pequena equipe argentina do Deportivo Mandiyú, que, na época, jogava a primeira divisão do campeonato nacional. No entanto, a experiência não foi nada positiva e Maradona obteve apenas uma vitória em 12 jogos à frente da equipe. O clube da cidade de Corrientes é conhecido como *Algodoneros* por ter sido fundado por funcionários da fábrica têxtil Tipotí, sendo inicialmente batizado de Deportivo Tipotí e depois tendo o nome alterado para Mandiyú (algodão, em guarani) (NOVALIS, 2013). Apesar de não haver informação oficial acerca da mascote do Deportivo Mandiyú, no álbum de figurinhas *GOLAZO*, do Campeonato Argentino de 1980, o clube veio representado por um jacaré, réptil da ordem Crocodylia (Figura 6). Uma possível razão para o uso do réptil é o fato de Corrientes estar localizada no nordeste da Argentina, próxima à divisa com o Paraguai, sendo banhada pelo Rio Paraná e por diversas lagoas, o que faz a presença de jacarés, especialmente jacarés-do-pantanal (*yacaré-negro*, em espanhol, devido ao seu dorso escuro), *Caiman yacare* (Daudin, 1802) (Crocodylia: Alligatoridae), ser comum na região.

Essa espécie de jacaré habita a parte central da América do Sul, sendo encontrada nas regiões alagadas do nordeste e leste da Bolívia, no Brasil, principalmente no Pantanal e nos afluentes do Rio Madeira, no Paraguai e no nordeste da Argentina. Esses répteis, que possuem vida anfíbia, ou seja, passam parte de seu tempo na água e parte na terra, costumam tomar banho de sol para se aquecer e regular seu metabolismo



heterotérmico, geralmente mantendo a boca aberta (onde a pele é mais fina e rica em vasos sanguíneos, absorvendo mais calor). Eles podem chegar até três metros de comprimento, tendo uma dieta à base de vertebrados pequenos, especialmente peixes, moluscos e crustáceos, esses últimos mais consumidos quando os jacarés ainda são jovens (FARIAS *et al.*, 2013). Uma curiosidade interessante sobre os jacarés é a determinação do sexo de acordo com a temperatura de incubação dos ovos, colocados em ninhos de folhagens no interior da mata próxima aos corpos d'água. No caso do jacaré-do-pantanal, ovos incubados em temperaturas menores que 31,5°C produzem fêmeas e em temperaturas maiores geram machos (CAMPOS, 1993). Embora a captura ilegal para o comércio de peles tenha sido reduzida, a caça predatória para consumo de sua carne continua sendo frequente; aliada a outras ameaças, como a destruição do seu ambiente, representa um sério problema para a conservação da espécie (CAMPOS, 2009).

Por seu hábito predador e voraz, os jacarés e, principalmente, os crocodilos – que pertencem à outra família da ordem dos crocodylianos (Crocodylidae), com apenas uma espécie registrada na América do Sul mais ao norte da região, o crocodilo-americano [*Crocodylus acutus* (Curvier, 1807)] – estão muito presentes no imaginário popular. Os jacarés são retratados em muitas culturas pré-hispânicas, aparecendo na forma de grandes divindades, como no caso dos Astecas, que acreditavam que o mundo teria nascido de um jacaré que vivia no mar das águas primordiais, e dos Maias, que viam esses répteis como representantes da morte e da fertilidade (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021b).

Deportivo Mandiyú (Argentina)

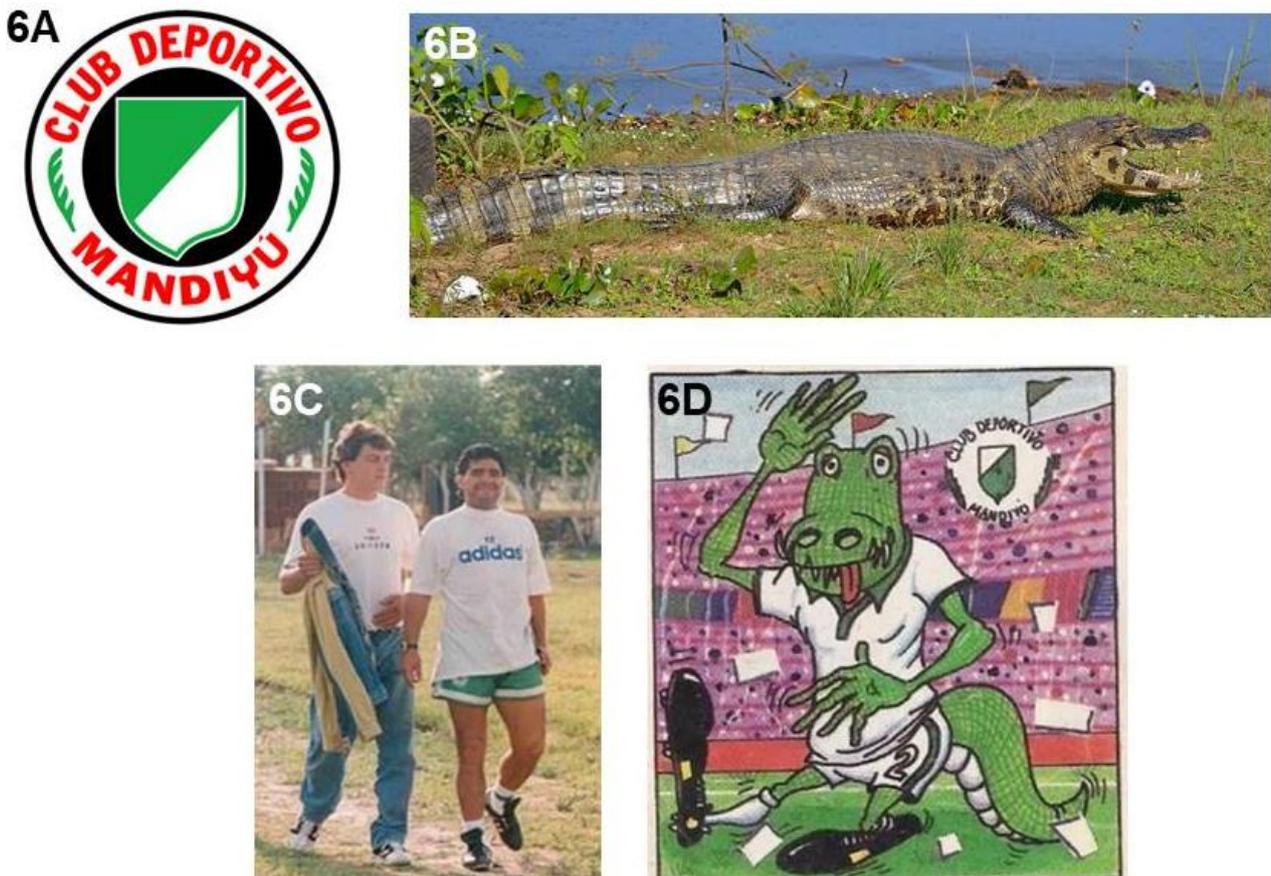


Figura 6. Diego Maradona como treinador do Deportivo Mandiyú, clube que tem um jacaré-do-pantanal como provável mascote. **6A.** Escudo; **6B.** Jacaré-do-pantanal, *Caiman yacare*; **6C.** Maradona (à direita) em treino do clube de Corrientes; **6D.** Figurinha do álbum *GOLAZO* (1980), do Campeonato Argentino, que traz o jacaré como mascote do Deportivo Mandiyú. Fontes: GOOGLE IMAGENS (6A); WIKIPEDIA (6B); TÉLAM (6C); Blog ANOTANDO FÚTBOL (6D).

Apesar da campanha ruim no comando do Deportivo Mandiyú, que terminou rebaixado na temporada 1994-1995, Maradona recebeu o convite em 1995 para treinar o Racing Club de Avellaneda, um dos chamados “cinco grandes da Argentina”. Novamente o desempenho do craque como treinador deixou a desejar – apenas duas vitórias em 11 jogos. O clube, conhecido como *La Academia*, apelido que surgiu em 1915 devido à supremacia no futebol argentino na época (MEDIOTEMPO, 2020), não possui animais como mascote. Com o fim de sua suspensão, o craque retorna aos gramados como jogador para uma última passagem pelo Boca Juniors.

Maradona só foi se aventurar novamente como treinador de um clube em 2011, quando rumou para os Emirados Árabes Unidos, por convite do Al Wasl. A passagem à frente do clube árabe durou pouco menos de um ano, quando foi demitido devido ao mau desempenho. O Al Wasl tem a alcunha de “Guepardos”, sendo o grande felino⁴, que possui as mesmas cores do clube aurinegro, também usado como mascote da equipe (Figura 7). O guepardo (ou chita), *Acinonyx jubatus* (Schreber, 1775) (Carnivora: Felidae), é o animal terrestre mais rápido do planeta, atingindo velocidades que ultrapassam os 100 quilômetros por hora durante a perseguição a suas presas (NOWAK, 1999). Essa característica foi usada pelo Al Wasl para justificar a escolha do animal, já que a equipe costuma ficar para trás no início das competições, correndo velozmente como um guepardo ao longo do campeonato para recuperar posições na tabela de classificação (MEDIAWORLD DUBAI, 2012).

Guepardos são predadores extremamente velozes, com corpo esguio de até 1,5 metro de comprimento, cauda de 80 centímetros e pernas longas. De maneira geral, a pelagem desse animal é amarelada, salpicada com manchas pretas arredondadas pequenas, que se distinguem das presentes em leopardos e onças-pintadas, que são em forma de rosetas; um risco preto marcante entre os olhos e a boca também diferencia o guepardo desses dois outros felinos. Guepardos preferencialmente habitam bosques, regiões arbustivas e de planícies abertas, como as savanas africanas, já que áreas com vegetação mais alta, como as florestas tropicais, limitam o uso de sua principal arma de caça – a velocidade. Adaptam-se bem a ambientes semiáridos e áridos. Dentre suas presas favoritas estão os antílopes, gnus, lebres e até aves, que muitas vezes conseguem escapar mesmo diante da enorme velocidade do felino, já que, por ser tão veloz, existem dificuldades associadas à manobra de guinada. Diferentemente de outros grandes felinos, que são mais ativos no período noturno, os guepardos são essencialmente diurnos, caçando geralmente ao amanhecer e antes do anoitecer, reduzindo a competição por presas (e também o risco de se transformar em uma) com leões e leopardos, espécies maiores com as quais divide território. Com exceção dos leões, que formam grandes bandos liderados por um macho dominante, os guepardos são os mais sociais dos felinos, especialmente os machos, que formam grandes coalizações de acasalamento, com as fêmeas podendo se acasalar com mais de um macho (CARO, 1994; FURSTENBURG, 2011).

Os guepardos eram abundantes em quase toda a África, na Península Arábica e no sudoeste asiático, mas atualmente suas populações estão reduzidas, restando cerca de 7.000 indivíduos na natureza em apenas 9% de sua área de distribuição original. Assim, mesmo extremamente velozes, parece que os guepardos estão perdendo a corrida contra a extinção. Dentre as principais ameaças à espécie estão a transformação de seu habitat em áreas de pastagens, a redução de presas, o tráfico de animais e a caça predatória, tanto para o uso de sua pele como para proteger áreas de criação, já que circunstancialmente podem se alimentar de gado (DURANT *et al.*, 2016). Por ser menos agressivo que os outros grandes felinos, os guepardos eram utilizados na antiguidade pelos egípcios, sumérios e caucasianos como animais de companhia, especialmente nas atividades de caça. Também eram usados na representação de muitas divindades locais. Registros de antigas urnas datadas do ano 700 a.C. traziam a imagem do animal gravada, geralmente usando uma espécie de guia ou coleira, o que indica sua provável domesticação (HARVEY, 2018).

4. Podemos definir informalmente os grandes felinos como os membros da família Felidae distinguidos das demais espécies por terem tamanhos maiores, como é o caso das espécies pertencentes ao gênero *Panthera* Oken, 1816 – leão, *Panthera leo*, tigre, *P. tigris* (Linnaeus, 1758), leopardo, *P. pardus*, leopardo-das-neves, *P. uncia* (Schreber, 1775), e onça-pintada (ou jaguar), *P. onca* (Linnaeus, 1758) –, o guepardo, *Acinonyx jubatus*, e a suçuarana (ou onça-parda), *Puma concolor* (Linnaeus, 1771) (KHOROZYAN *et al.*, 2015). Os membros do gênero *Panthera* são os únicos capazes de rugir devido às modificações anatômicas na laringe e no osso hioide, que são mais alongados e com espaços internos que funcionam como uma caixa de ressonância (OWEN, 1834).



Al Wasl (Emirados Árabes Unidos)



Figura 7. Diego Maradona como treinador do Al Wasl, clube árabe que tem um guepardo como mascote. **7A.** Escudo; **7B.** Guepardo, *Acinonyx jubatus*; **7C.** Ilustração da mascote; **7D.** Maradona no comando do Al Wasl; **7E.** Leopardo, *Panthera pardus*, e onça-pintada, *P. onca*, mostrando os padrões de manchas em roseta (abertas), distintas do padrão de manchas pequenas e circulares (fechadas) dos guepardos. Fontes: GOOGLE IMAGENS (7A); SÓ CIENTÍFICA (7B); ROMEO ROXAS (7C); AGÊNCIA EFE (7D); RECREIO UOL (7E).

Após longo período afastado do futebol, quando realizou tratamento para se livrar do vício das drogas, Maradona retoma a carreira de treinador em 2017, novamente nos Emirados Árabes Unidos, para comandar o Al Fujairah, equipe que estava na segunda divisão do futebol emiradense. Sua passagem, apesar de mais vitoriosa que as anteriores, com 11 vitórias e 11 empates nos 22 jogos disputados, também não alcançou o sucesso esperado, com o clube árabe terminando na terceira posição da tabela e sem conseguir o acesso esperado para a primeira divisão nacional. O Al Fujairah possui a alcunha de “Lobos de Dibba Al-Hisn” (MAURO, 2018), com o canídeo representado em seu escudo (Figura 8).

Sem dúvida os lobos estão entre os animais mais presentes no imaginário popular, aparecendo em muitas culturas com simbolismo antagônico que desponta tanto para o lado negativo, relacionados ao mal, ao medo, à escuridão e ao submundo, como para o lado positivo, sendo associados à astúcia, fertilidade e lealdade. Eles são presença certa desde a Antiguidade, fazendo parte de diversas mitologias, associados a deuses egípcios, nórdicos, romanos e de povos americanos pré-hispânicos. Nos tempos modernos aparecem em referências folclóricas, literárias, artísticas e cinematográficas, geralmente como personagens de histórias de terror e associados à bruxaria e à magia negra (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021c). Quem não conhece a lenda do lobisomem ou nunca viu um filme em que esses animais aparecem uivando na escuridão para a lua cheia⁵?

5. Os lobos uivam para se comunicar com a alcateia, geralmente como forma de reunir o grupo para realizar certas atividades, como a caça. Os uivos chegam a ser ouvidos por alguns quilômetros de distância. Assim, a ideia popularizada em filmes de que os lobos uivam para a lua cheia é falsa, sendo comum o uivo nessa fase da lua devido à maior luminosidade, o que facilita a caçada e o encontro com suas potenciais presas (LEAL, 2018).



Al Fujairah (Emirados Árabes Unidos)



Figura 8. Diego Maradona como treinador do Al Fujairah, mais um clube árabe em sua carreira de treinador e que possui o lobo-árabe em seu escudo. **8A.** Escudo; **8B.** Lobo-cinzento, *Canis lupus*, e algumas variações de cores da pelagem; **8C.** Pequena alcateia de lobos-cinzentos caçando um bisão-americano [*Bison bison* (Linnaeus, 1758) – Artiodactyla: Bovidae]; **8D.** Maradona durante treinamento do Al Fujairah; **8E.** Lobo-árabe, *Canis lupus arabs*, uma das subespécies do lobo-cinzento e que ocorre na região da Península Árábica. Fontes: GOOGLE IMAGES (8A, 8B, 8C); ZIMBIO (8D); THE WOLF INTELLIGENCER (8E).

Existem várias espécies que são popularmente chamadas de lobos, mas apenas quatro são consideradas “lobos verdadeiros”, todas pertencentes ao gênero *Canis* Linnaeus, 1758, que inclui também os chacais, os coiotes e os cachorros domésticos. A mais conhecida e amplamente distribuída é a do lobo-cinzento, *Canis lupus* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae), que, apesar do nome, pode apresentar pelagens com grande variação geográfica de cores nas dezenas de subespécies (38, de acordo com WILSON & REEDER, 2005, apesar de haver divergências entre muitos autores em relação a esses números), podendo ir do totalmente branco nas populações do Ártico até preto, cinza e marrom, existindo misturas entre algumas dessas cores. Como a maioria dos canídeos de grande porte, os lobos são animais muito sociáveis, formando alcateias com cerca de 10 a 12 indivíduos em média, de organização complexa e hierárquica, altamente territoriais, e geralmente lideradas por um macho alfa seguido por uma fêmea dominante. Esse casal alfa é monogâmico e, na maior parte das vezes, o único a procriar na alcateia, com os filhotes sendo cuidados por todos os membros do grupo. Eles também são os primeiros a se alimentarem das presas obtidas na caça, que é realizada de forma colaborativa pela alcateia, permitindo que capturem presas bem maiores, como bisões, alces e renas (animais menores, como lebres e castores, geralmente são caçados por lobos solitários) (SMITH, 2002). Eles são considerados predadores de topo, usando seus sentidos apurados para a caça, especialmente o olfato, a audição e a boa visão noturna. Com isso, eles desempenham um papel importante no ecossistema, controlando populações de algumas espécies que constituem suas presas (MECH & BOITANI, 2007).



Originalmente, os lobos-cinzentos estavam distribuídos em quase todo o Hemisfério Norte, onde habitam uma grande variedade de ambientes, desde a Tundra ártica até florestas, pradarias e paisagens mais áridas, como desertos. É o caso da subespécie encontrada na Península Arábica, conhecida como lobo-árabe, *Canis lupus arabs* Pocock, 1934, a menor dentre todas as subespécies conhecidas. São altamente adaptados para a vida no deserto, com uma dieta onívora, bastante oportunista (COHEN *et al.*, 2013). No entanto, devido à destruição de habitat e às mudanças climáticas, além da perseguição pelo homem, culminando em sua caça predatória, as populações de lobos são encontradas atualmente em apenas algumas áreas contíguas dos Estados Unidos, Canadá, México e parte da Eurásia. Em muitos locais a espécie chegou a desaparecer por completo, caso do Reino Unido. O lobo-árabe, por exemplo, já ocorreu em toda a Península Arábica, mas hoje está restrito em estado selvagem a pequenas porções de sua distribuição original. Em alguns países, como o Egito e os Emirados Árabes Unidos, são realizadas tentativas de reprodução da espécie em cativeiro para reintrodução na natureza. Com isso, apesar de classificado pela IUCN (International Union for Conservation of Nature – em português, União Internacional para a Conservação da Natureza) como espécie pouco preocupante, em muitos locais, como nos Estados Unidos, o lobo-cinzentos é considerado uma espécie ameaçada de extinção (SMITH, 2002).

O próximo passo na carreira de treinador de Maradona foi dado no México, mais precisamente na cidade de Culiacán, no estado de Sinaloa, terra do famoso cartel de drogas do traficante Joaquin *El Chapo* Guzmán, o que causou muita desconfiança por seu antigo envolvimento com cocaína. A empreitada se transformou até em uma excelente série documental de TV, da produtora Netflix. O craque argentino chegou para assumir o pequeno clube do Dorados de Sinaloa, da segunda divisão mexicana. Apesar de levar o Dorados ao vice-campeonato, após assumir o clube na lanterna da Liga de Ascenso MX na temporada 2018-2019, ele optou por não prosseguir na equipe mexicana, alegando problemas de saúde em sua saída. Como o próprio nome do clube sugere, o Dorados é representado por um peixe conhecido como dourado-do-mar, *Coryphaena hippurus* (Linnaeus, 1758) (Perciformes: Coryphaenidae), que figura em seu escudo e também como mascote da agremiação (Figura 9). O estado de Sinaloa conta com seis portos, sendo três deles voltados exclusivamente para a atividade de pesca, contando com uma das mais importantes frotas pesqueiras do México. Com isso, o estado é o segundo maior produtor nacional nessa atividade, sendo o dourado uma das espécies de pescado mais tradicionais por lá (GOBIERNO DE SINALOA, 2020).

O dourado-do-mar é um peixe típico de mar aberto, ocorrendo em águas superficiais e mais quentes dos mares tropicais e subtropicais dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. No Brasil, ocorre em quase todo o litoral, do estado do Amapá até Santa Catarina. A espécie é caracterizada por seu grande tamanho, podendo atingir até 40 quilos, com corpo esguio, especializado para nadar em alta velocidade, de cor amarelo-esverdeada metálica à dourada, podendo apresentar manchas claras e escuras, e nadadeira dorsal longa e azulada. Os machos são maiores, possuindo uma testa saliente e pronunciada, e, em alguns lugares, é chamado de “touro” (BENETTI *et al.*, 1995). Os cardumes costumam acompanhar objetos e algas flutuantes, especialmente sargaços, onde vive grande parte dos animais que constituem sua dieta, como caranguejos, lulas e peixes menores, caso da cavala (MASSUTI *et al.*, 1998). O dourado chega a viver entre dois e cinco anos em águas mais quentes, onde desova durante todo o ano. A espécie tem grande importância econômica, não só por sua carne extremamente valorizada, mas também por ser um dos mais procurados para a pesca esportiva e para criação na aquicultura (BENETTI *et al.*, 1995).

É importante ressaltar que o dourado-do-mar não possui relação com o dourado, *Salminus brasiliensis* (Curvier, 1816) (Characiformes: Characidae), peixe carnívoro de água doce típico da América do Sul e que pode ser encontrado nas bacias dos rios Paraná, Paraguai, Uruguai, Chaparé e Mamoré (FROESE & PAULY, 2021). Essa espécie pertence à ordem dos caraciformes, peixes carnívoros exclusivamente de água doce e de distribuição gonduânica, que incluem aproximadamente 1.700 espécies, como as piranhas, os lambaris e as curimbas (NELSON, 2006). Já o dourado-do-mar está incluído na ordem dos perciformes, a maior não só dentre os peixes, mas de todos os vertebrados, com cerca de 10.000 espécies presentes em todos os tipos de ambientes aquáticos (BONECKER *et al.*, 2014). O dourado de água doce, assim como a espécie marinha, possui grande importância econômica e social, sendo um dos mais procurados tanto no ramo da pesca artesanal como



esportiva, principalmente por sua agressividade e voracidade, sendo também admirado por sua carne saborosa.

Dorados de Sinaloa (México)

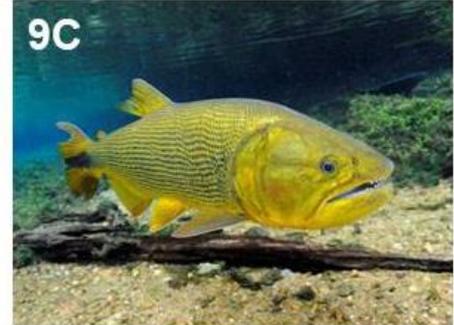
9A



9B



9C



9D



9E



9F



Figura 9. Diego Maradona como treinador do Dorados de Sinaloa, equipe mexicana que possui um dourado-do-mar em seu escudo e como mascote. **9A.** Escudo; **9B.** Dourado-do-mar, *Coryphaena hippurus*, mascote do Dorados; **9C.** Dourado de água doce, *Salminus brasiliensis*; **9D.** Maradona durante treinamento do Dorados; **9E.** Ilustração da mascote oficial do clube; **9F.** Mascote de campo. Fontes: GOOGLE IMAGENS (9A); BLOG QUISTY (9B); PEIXE E PESCARIA (9C); ZIMBIO (9D); site oficial do Dorados (9E, 9F).

Em setembro de 2019, Maradona voltou à Argentina, dessa vez para treinar o Gimnasia y Esgrima de La Plata. Apesar de não repetir a boa campanha que teve no México à frente do Dorados, *El Pibe* conseguiu manter o clube na primeira divisão nacional, obtendo seis vitórias em 19 jogos. Seu contrato havia sido renovado até dezembro de 2021, porém ele teve que se afastar em novembro de 2020 para realizar uma cirurgia no cérebro para a retirada de um coágulo, tendo complicações resultantes do procedimento que o levaram a falecer, em casa, no dia 25 de novembro, logo depois de uma parada cardiorrespiratória. Em seu último clube na carreira, o lobo novamente apareceu na relação dos animais que passaram pela vida do craque. O Gimnasia y Esgrima é conhecido como “Lobo”, tendo também o canídeo como mascote (Figura 10). O apelido do clube foi criado em 1953 pelo cartunista Julio César “Pilo” Trouet, do jornal *El Día*, que representou o Gimnasia com a figura de um lobo. Segundo o cartunista, o animal foi associado ao clube por seu estádio, chamado Juan Carmelo Zerillo, estar localizado dentro do bosque municipal, e também pela astúcia e rapidez da equipe, qualidades que, segundo o mesmo, representam com perfeição o canídeo (MEDIOTEMPO, 2020).



Gimnasia y Esgrima (Argentina)

10A



10B



10C



10D



10E



Figura 10. Diego Maradona como treinador do Gimnasia y Esgrima, última equipe da carreira do craque argentino e que possui um lobo como mascote. **10A.** Escudo; **10B.** Lobo-cinza, *Canis lupus*, mascote do Gimnasia; **10C.** Ilustração de Pilo Trouet que deu origem ao apelido e a mascote do clube; **10D.** Maradona durante jogo do Gimnasia; **10E.** Ilustração mais moderna da mascote do clube. Fontes: GOOGLE IMAGENS (10A); MUNDO ECOLOGIA (10B); Facebook @gimnasiaoficial (10C); JOVEM PAN (10D); AGÊNCIA NOVA (10E).

Maradona, o presidente

Sim, Maradona já foi dirigente de um clube da Bielorrússia! Três meses após sua passagem como técnico do Al Fujairah, dos Emirados Árabes, *El Pibe de Oro* foi convidado, em 2018, para ser o presidente de honra do pequeno Dínamo Brest, em uma grande ação de marketing da equipe bielorrussa. Recebido com grande alvoroço, Maradona chegou a desfilar dentro de um carro exótico gigantesco no estádio do Dínamo Brest (TRIBUNA EXPRESSO, 2018). Porém, sua passagem nas terras geladas do Leste Europeu durou apenas três meses, já que logo depois recebeu o convite do Dorados de Sinaloa para voltar a estar à beira de campo, deixando a empreitada para trás.

O Dínamo Brest possui como mascote um coelho-europeu, também chamado de coelho-bravo, *Oryctolagus cuniculus* (Linnaeus, 1758) (Lagomorpha: Leporidae) (Figura 11). Os coelhos e lebres pertencem à família dos mamíferos leporídeos (Leporidae), que inclui cerca de 50 espécies distribuídas em quase todo o planeta, com exceção do sul da América do Sul, Índias Ocidentais, Madagascar e a maioria das ilhas do sudeste da Ásia. De forma geral, os leporídeos são facilmente reconhecidos por sua cauda curta, orelhas e pernas posteriores compridas, o que os torna animais ágeis, que se locomovem aos pulos e velozes, podendo alcançar até os 70 quilômetros por hora (SILBERSTEIN, 2011). Dentre as espécies mais conhecidas está justamente o coelho-europeu, que, apesar de originalmente restrito a partes da Península Ibérica, França e noroeste da África, atualmente pode ser encontrado em quase todo o planeta devido à sua domesticação,



sendo, por isso, também chamados de coelhos-domésticos. A origem do processo de domesticação dos coelhos ainda gera muitos debates entre os cientistas, tendo ocorrido possivelmente há 3.000 anos na Espanha ou no sul da França, principalmente para consumo de sua carne. Porém, foi no século XV que ganhou força, quando o animal começou a aparecer em diversas partes do mundo para fins de alimentação, uso de sua pelagem, como animais de estimação e também para caça esportiva, onde eram soltos na natureza por imigrantes europeus para serem caçados (PARKER, 1990). Isso causou muitos problemas ecológicos, especialmente em algumas ilhas menores e na Austrália. De fácil reprodução e sem predadores naturais, eles multiplicaram-se rapidamente, competindo com marsupiais e causando grande declínio populacional de muitas espécies. Além disso, são considerados pragas por prejudicarem as atividades locais, onde até hoje devastam pastagens e plantações. Atualmente mais de 500 milhões de coelhos ocorrem em terras australianas, sendo um problema sem solução (LESS & BELL, 2008).

Dínamo Brest (Bielorrússia)



Figura 11. Diego Maradona como presidente de honra do clube bielorrusso Dínamo Brest, que tem um coelho-europeu como mascote. **11A.** Escudo; **11B.** Coelho-europeu, *Oryctolagus cuniculus*; **11C.** Loja do Dínamo Brest, com coelho vivo pintado de azul e mascotes de pelúcia; **11D.** Maradona em entrevista coletiva no clube bielorrusso; **11E.** Maradona e a mascote de campo do Dínamo Brest. Fontes: GOOGLE IMAGENS (11A); MUNDO PORTUGUÊS (11B); CHAPTER 97 (11C); DIÁRIO ONLINE (11D); TRIBUNA EXPRESSO (11E).

Em estado natural, os coelhos-europeus são noturnos e herbívoros generalizados, comendo gramíneas, folhas, cascas de árvores e raízes, constituindo uma dieta de baixo valor nutricional pela falta de mecanismos enzimáticos para quebra da celulose. Como estratégia, os leporídeos possuem uma câmara rica em microrganismos que quebram a celulose no ceco intestinal. Mas como os nutrientes são melhor absorvidos na região do estômago e do intestino delgado, anteriores ao ceco, eles ingerem as fezes (coprofagia), que são ricas em nutrientes após, a passagem das mesmas pelo trato digestivo, aproveitando ao máximo seus

alimentos. Eles são animais gregários e sociais, geralmente vivendo em grupos de seis até dez indivíduos em grandes tocas comunitárias, havendo uma hierarquia onde o macho alfa tem predominância no acasalamento com as fêmeas. A territorialidade também é mais evidente entre os machos dominantes durante a época de reprodução (PARKER, 1990).

Símbolos de prosperidade, fertilidade e renovação, os coelhos estão presentes nas mais distintas manifestações culturais em todo o planeta. Esse simbolismo, inclusive, é responsável pela relação do animal com a Páscoa, festividade cristã que celebra o renascimento de Jesus Cristo. Chama atenção o fato de mesmo os coelhos sendo mamíferos, que, com exceção dos ornitorrincos e equidnas, não colocam ovos, serem associados aos ovos de Páscoa. Porém, tanto o coelho como os ovos possuem simbolismos pascais distintos. O simbolismo relacionado aos ovos remete a uma tradição europeia muito antiga, quando era comum a troca de ovos de galinha decorados para celebrar o fim do inverno e o início da primavera, enquanto o uso do coelho é associado às festividades pascais pelos alemães desde o século XVI, como um símbolo de nascimento e fertilidade. Além disso, a tradicional festa judaica do *Pessach* é comemorada em período do ano similar à festa pascal e o ovo é utilizado como símbolo do povo de Israel, sendo consumido no jantar durante essas festividades. Assim, a simbologia cristã incorporou esses aspectos culturais judaicos, sendo a própria palavra Páscoa oriunda do *Pessach*, que significa passagem, em hebraico. Os ovos de galinha foram trocados por ovos de chocolate na França, durante o século XIX. Já a ideia do Coelho da Páscoa chegou ao Brasil apenas no século XVIII, trazida por imigrantes alemães, sendo esses animais atualmente os “protagonistas” da festa (BELMAIA, 2017; RAMOS, 2020).

Maradona e a Seleção Argentina

Foi justamente defendendo a Seleção Argentina que Maradona alcançou o sucesso mundial e o status de craque universal da bola. Como jogador, defendeu a seleção em 91 partidas, marcando 34 gols, estreando em 1977, com apenas 16 anos, em um amistoso diante da Hungria. Depois da frustração de ter ficado de fora da lista final de jogadores convocados pelo técnico César Menotti para a polêmica Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina e vencida pelos *hermanos*, Maradona participou de cinco copas ao longo de sua carreira, sendo quatro como jogador (1982, 1986, 1990 e 1994) e uma como treinador (2010) pela seleção nacional de seu país. O destaque fica por conta da Copa do Mundo de 1986, disputada no México, na qual a Argentina conquistou seu segundo título, com Maradona sendo o melhor jogador do torneio, que ficou marcado pela polêmica partida nas quartas-de-final entre argentinos e ingleses. Nesse jogo, que terminou em 2 x 1 para a Argentina, o camisa 10 só não fez chover, marcando os dois gols argentinos. O primeiro com a mão, em lance que dividiu a bola com o goleiro inglês Shilton e ficou eternizado como *La Mano de Dios* (a mão de Deus, em espanhol). O segundo gol foi considerado por muitos como o mais bonito de todas as copas, no qual o craque argentino arranca em alta velocidade de seu campo de defesa, passa por cinco adversários, incluindo o goleiro, e manda para as redes. Golaço que só um gênio como Diego é capaz de fazer, sendo escolhido o “Gol do Século” pela FIFA®.

Outra campanha que merece destaque é a da Copa do Mundo de 1990, disputada na Itália e que acabou com o vice-campeonato argentino em nova final diante da Alemanha. Mas o que marcou o torneio foi a semifinal entre os donos da casa e a Argentina, em partida disputada justamente em Nápoles, cidade onde Diego ainda é considerado um gênio sagrado. E Maradona apelou para sua idolatria, quando declarou:

“Durante 364 dias do ano vocês são considerados pelo resto do país como estrangeiros em seu próprio país e, hoje, têm de fazer o que eles querem, torcer pela Seleção Italiana. Eu, por outro lado, sou napolitano os 365 dias do ano” (PASSANESI, 2020).

O resultado foi que, após esse apelo do craque, a maior parte da torcida local, composta em sua grande maioria por torcedores do Napoli, clube de Maradona à época, se voltou contra o próprio país e apoiou a Seleção Argentina, que, em vitória nas penalidades máximas após empate em 1 x 1 no tempo normal e prorrogação, avançou para a final do torneio. Um feito inédito e único na história das copas.

Nas edições de 1982, realizada na Espanha, e 1994, ocorrida nos Estados Unidos, o brilho de Maradona



foi menos intenso, com a Argentina terminando em 11º e 10º lugar, respectivamente. Porém, o destaque negativo ficou por conta da edição estadunidense, na qual Maradona, ainda envolvido com o problema do vício nas drogas, foi suspenso pela segunda vez na carreira, após testar positivo em exame antidoping realizado na segunda partida da fase inicial. Com isso, o jogador acabou excluído da Copa do Mundo.

Como treinador da Seleção Argentina, a qual assumiu em outubro de 2008, Maradona voltou a participar de uma edição de Copa do Mundo, dessa vez em 2010, na África do Sul. Mesmo depois de um ano complicado para a seleção nacional em 2009, incluindo uma acachapante derrota de 6 x 1 para a Bolívia nas eliminatórias para a Copa do Mundo, a pior da história da Argentina, Maradona foi mantido no comando técnico da seleção para disputa do torneio mundial. Após uma excelente primeira fase, a Argentina de Maradona sucumbiu nas quartas-de-finais, novamente diante do seu maior alçó, a Alemanha, em derrota de 4 x 0. Com isso, a Argentina ficou com a 5ª posição nessa edição do torneio. Assim, em julho de 2010, logo após a copa, Maradona foi desligado do cargo de treinador da Argentina.

Apesar de não haver uma mascote oficial relacionada à Seleção Argentina, é comum o uso de um boiadeiro com sua cuia de chimarrão ou um músico de tango, atividades tradicionais no país, sendo ambos retratados em alguns álbuns oficiais do torneio desde 1974. No entanto, se considerarmos as copas em que Maradona teve participação, dois animais aparecem como mascotes dessas edições. Em 1994, nos Estados Unidos, a mascote escolhida foi um cachorro, batizado de Strike, e na de 2010, na África do Sul, um leopardo, *Panthera pardus* (Linnaeus, 1758) (Carnivora: Felidae), chamado de Zakumi (Figura 12). Strike foi criado pela Warner Bros Entertainment e seu uniforme remetia as cores da bandeira norte-americana, sendo escolhido pelo fato do cachorro ser o animal de estimação mais adotado no país. Já Zakumi, apesar de ser identificado como um leopardo no site da FIFA®, tem um padrão de manchas que lembra mais um guepardo (cf. Figura 7). Ele aparece nas cores verde e amarela, as mesmas da Seleção Sul-Africana. Seu nome é uma referência à sigla oficial para África do Sul (ZA) e ao número dez na maioria dos dialetos locais (*kumi*), ano em que o evento foi realizado, além de representar ainda a recente democracia sul-africana (DUMAS, 2020a).

Apesar de não terem animais como mascotes, as edições das copas do mundo de 1982 e 1986 trazem elementos que valem ser rapidamente ressaltados. No primeiro caso, a mascote eleita foi uma laranja, *Citrus sinensis* (Linnaeus) Osbek (Sapindales: Rutaceae), batizada de Naranjito (POLI & CARMONA, 2009), fruta muito cultivada na Comunidade Valenciana e na Andaluzia, e um dos principais produtos exportados pela Espanha. Já em 1986, copa em que Maradona se destacou como principal astro, a mascote, chamada de Pique (POLI & CARMONA, 2009), representa uma pimenta-jalapenho, *Capsicum annum* Linnaeus (Solanales: Solanaceae), portando um típico bigode e sombreiro mexicanos. A comida mexicana é conhecida por ser extremamente apimentada, sendo a pimenta-jalapenho originária da cidade de Jalapa, no México, e um dos símbolos nacionais (Figura 12). Um fato curioso e de pouco conhecimento popular é que o pimentão, que pode ser verde, vermelho ou amarelo de acordo com o tempo de maturação do fruto, é uma variação de pimenta-jalapenho, sendo ambos da mesma espécie. Da mesma forma, a páprica também é um tipo de pimentão, que, após seco, é moído (RIBEIRO *et al.*, 2008).

Podemos estender ainda mais a relação de Maradona com os animais se incluirmos suas participações na Copa América, torneio que, em geral, reúne apenas as seleções sul-americanas. Diego jamais conquistou um título desse torneio, tendo participado de três edições: 1979, em sua primeira competição oficial com a camisa da seleção nacional; 1987, disputada na Argentina e em que terminou em quarto lugar; e 1989, realizada no Brasil, onde ficou em terceiro lugar. Somente a partir da edição de 1987, quando passou a ser disputada em país-sede fixo, as mascotes apareceram como estratégia de marketing no torneio. A primeira mascote foi Gardelito, uma homenagem ao cantor argentino de tango Carlos Gardel⁶, já que a competição foi

6. A nacionalidade de Carlos Gardel foi, durante muito tempo, disputada por Uruguai, Argentina e França. Após extensa investigação, foi encontrada sua certidão de nascimento original, sendo o cantor registrado em Toulouse (França) como Charles Romuald Gardés, em 1890. Com apenas dois anos, Gardel foi morar em Buenos Aires (Argentina) junto de sua mãe, Berthe Gradés, após breve passagem pelo Uruguai. Quando estourou a I Guerra Mundial, como cidadão francês ele deveria se alistar e, com sua fama internacional e turnês pela Europa, ele seria declarado desertor quando em solo francês; foi aí que ele conseguiu uma certidão de nascimento do Uruguai, datada de 1887 e registrada na cidade de Tacuarembó, para escapar de ser convocado para a guerra. Após isso, como “uruguaio nato”, foi que ele solicitou a nacionalidade argentina (VEJA, 2012).



realizada na Argentina. Em 1989, Tico, um sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris* (Vielloit, 1818) (Passeriformes: Turdidae), figurou como mascote da edição brasileira da Copa América, com o pássaro trajando a camisa azul no lugar da tradicional e mundialmente conhecida “amarelinha” da Seleção Brasileira (SILVA, 2019) (Figura 12).

Seleção Argentina



Figura 12. Principais competições e mascotes dos torneios disputados por Diego Maradona com a camisa da Seleção Argentina, cuja mascote não oficial retrata um boiadeiro com seu chimarrão (imagem aqui replicada do álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 1974, Editora Panini). Fonte das imagens: GOOGLE IMAGENS.

Uma das aves mais populares no Brasil, o sabiá-laranjeira é amplamente utilizado na poesia e no cancionero popular para simbolizar o amor, a infância e a terra natal. É o caso de Gonçalves Dias, em seu renomado poema A Canção do Exílio, e Sérgio Reis e Luiz Gonzaga, que imortalizaram a ave nas canções SAUDADE DA MINHA TERRA e SABIÁ, respectivamente. Ela também é a ave símbolo do Brasil e do estado de São Paulo. Pássaro mais emblemático da família dos turdídeos (Turdidae), que reúne, apenas no Brasil, 19 espécies de sabiás e caraxués (SIGRIST, 2009), o sabiá-laranjeira é um pássaro de canto muito apreciado, que se assemelha à uma flauta. Seu nome popular, sabiá, deriva do tupi-guarani *soó-biá* e significa mavioso ou cantador, justamente em alusão ao seu canto melodioso (BUENO, 2008). É um pássaro de porte médio, com cerca de 25 centímetros, de plumagem parda e com ventre vermelho-ferrugem, levemente alaranjado, e se alimenta de pequenos invertebrados, como larvas e insetos adultos, aranhas e minhocas, de coquinhos de palmeiras e de frutos maduros, incluindo frutas cultivadas. A ave vive de forma solitária ou aos pares, sendo encontrada em bordas de florestas, parques, quintais e áreas urbanas arborizadas. Encontrado em todo o país, com exceção da Região Norte, essa espécie também ocorre em países limítrofes, como Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai (WIKIAVES, 2021).



Paolo Rossi (1960-2020)

Rossi, o jogador

Paolo Rossi nasceu em 1956, sendo natural da pequena cidade de Prato, localizada na região da Toscana, no centro-norte da Itália. Seus primeiros passos no futebol aconteceram aos seis anos, quando integrou a equipe amadora do Santa Lúcia, ainda em sua cidade natal. Com 11 anos, foi defender a equipe do Ambrosiana, ainda em Prato, e, no ano seguinte, o Cattolica Virtus, de Florença, ambas equipes amadoras. Em 1972, quando tinha 15 anos, foi observado em um torneio por Ítalo Allodi, chefe do setor juvenil da Juventus, que, encantado com o futebol do garoto, prontamente o convidou para se juntar às categorias de base do clube de Turim. Porém, por pouco o sonho de ser jogador profissional não se concretiza, já que seus pais eram contra sua ida para longe, especialmente para a Juventus, onde seu irmão mais velho, Rossano, já tentara seguir carreira, sendo dispensado ainda nas divisões de base. Rossi contou o caso certa vez em uma entrevista em sua autobiografia (ROSSI & CAPPELLETI, 2019):

“Não foi fácil, meus pais não gostaram muito da ideia. Eles foram mal influenciados pela experiência do meu irmão, também em *bianconero* [apelido da Juventus], que foi mandado para casa depois de um ano. Minha mãe não queria saber de mandar outro filho tão pequeno a Turim, e meu pai aconselhou o Dr. Nesticò, gerente do Cattolica, a pedir uma soma alta para dissuadir àqueles da Juventus, mas não tem como. Ítalo Allodi [gerente da Juventus à época] vem à nossa casa, faz um trabalho de avaliação e no final faço a mala por quatorze milhões e meio [de liras]”.

Apesar do sucesso ainda nas categorias de base, quando recebeu diversas convocações para a seleção juvenil italiana, o jogador conviveu com muitas lesões, incluindo três intervenções cirúrgicas no menisco do joelho em um período de dois anos, o que atrasou sua promoção à equipe de profissionais. Mesmo assim, fez sua estreia no time profissional da Juventus aos 17 anos, em maio de 1974, quando enfrentou o Cesena pela Copa da Itália. A partir daí Paolo Rossi defendeu as cores de seis clubes, todos na Itália, além da própria Seleção Italiana, onde alcançou o maior feito de sua carreira, ao ser artilheiro e um dos principais jogadores na campanha do título da *Azzurra* (azuis, em italiano), como é conhecida a Itália, na Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha. Por clubes, teve maior destaque jogando pela Juventus, por onde se profissionalizou e teve duas passagens, conquistando inúmeros títulos, e pelo Vicenza, onde venceu a Série B italiana, sendo o artilheiro da competição. Foi justamente jogando pelo Vicenza que Rossi se mostrou para o mundo como jogador de futebol. Além dessas equipes, passou por Como, Milan, Perugia e Hellas Verona (Figura 13). Diferentemente de Maradona, Paolo Rossi não se arriscou à beira do campo, como treinador, após a sua aposentadoria. Ele chegou a ter uma curta passagem como membro do conselho diretivo do Vicenza, em 2018, mas foi na TV que seguiu trabalhando com futebol, exercendo o cargo de comentarista esportivo em diversas emissoras italianas. Como jogador, ficou conhecido pelos apelidos de *Pablito* e *Il Bambino d'Oro* (o menino de ouro, em italiano), coincidentemente a mesma alcunha de Diego Maradona na Argentina. Paolo Rossi faleceu em 9 de dezembro de 2020, vítima de um câncer pulmonar.

A primeira passagem do craque italiano pela Juventus de Turim, por onde estreou como profissional, em 1977, foi bastante apagada. Foram apenas três jogos e nenhum gol marcado. Porém, em 1981, Paolo Rossi retorna ao clube *bianconero* (alvinegro, em italiano) após passar por outras três equipes, permanecendo por quatro temporadas e conquistando diversos títulos com a camisa alvinegra, incluindo dois campeonatos italianos, uma Copa da Itália e uma Copa dos Campeões da Europa (atual *Champions League*). O trio de ataque formado por ele, pelo francês Michel Platini e pelo polonês Zbigniew Boniek encantou o mundo na temporada 1983-1984. A Juventus, equipe mais vencedora do país e conhecida como *Vecchia Signora* (Velha Senhora, em italiano)⁷, tem relação estreita com dois animais – um touro, que já figurou em algumas versões anteriores de

7. O popular apelido da Juventus gera algumas dúvidas e incertezas quanto à sua origem, tendo versões diferentes. Em uma delas, a alcunha teria surgido nos anos 1920, quando o clube foi adquirido pela família Agnelli, dona da Fiat. Os operários das fábricas costumavam chamar os patrões de "velhos senhores", sendo o apelido passado ao clube. Outra versão diz que os moradores de Turim passaram a usar a "Velha Senhora" apenas como uma brincadeira pelo fato do nome do clube alvinegro significar juventude.



seu escudo, incluindo a primeira, e uma zebra, mascote da equipe e que também já apareceu em versões mais antigas de seu emblema (Figura 14).

Paolo Rossi

1956 † 2020



1973-75
1981-85
86j / 24g



1975-76
6j / 0g



1976-79
107j / 66g



1979-80
28j / 13g



1985-86
20j / 2g



1986-87
20j / 4g



1977-86
48j / 20g

129 GOLS

Campeão do Mundo (1982)
Campeão Italiano Série B (1977)
Campeão Italiano Série A (1982, 1984)
Campeão dos Campeões da Europa (1985)

Figura 13. Carreira de Paolo Rossi como jogador, em que defendeu seis clubes, todos italianos: Juventus, Como, Vicenza, Perugia, Milan e Hellas Verona (da esquerda para a direita na figura), além da Seleção Italiana (em destaque). (j) = número de jogos por cada clube; (g) = número de gols por cada clube. Fonte das imagens: GOOGLE IMAGENS.

O touro, *Bos taurus taurus* Linnaeus, 1758 (Artiodactyla: Bovidae), é um dos principais símbolos da cidade de Turim, estando presente não só em seu brasão de armas oficial como em diversos monumentos espalhados pela cidade. Uma das lendas contadas na cidade dizia haver um grande dragão que atormentava a população local, sendo enviado o animal mais forte da vila para derrotá-lo – um grande touro vermelho que recebeu um elixir à base de vinho tinto e água. O touro teria derrotado a criatura mitológica, mas acabou muito ferido e morreu dias depois. Em homenagem ao sacrifício do animal, os moradores do local teriam batizado a vila com o nome de Turim. No entanto, apesar dessa lenda disseminada por toda Turim, o nome da cidade não tem relação com nenhum animal, mas sim como o local era chamado na época do Império Romano – *Augusta Taurinorum*, uma homenagem ao imperador Augusto e ao povo Taurini, que habitava a área de Turim (SYNESIA, 2021). Mas o culto ao grande touro vermelho permanece até hoje e, por essa razão, também apareceu no emblema do clube *bianconero* (assim como no de seu principal rival citadino, o Torino) (Figura 14).

Touros, bois e vacas constituem o gado taurino doméstico, pertencente à família dos bovídeos (Bovidae). Eles são caracterizados por serem animais ruminantes, ou seja, mamíferos herbívoros que possuem quatro compartimentos gástricos (rúmen, retículo, omaso e abomaso) especializados e dotados de microrganismos para a quebra de polissacarídeos da celulose contida em gramíneas e leguminosas, sua principal fonte de alimento. A domesticação do gado bovino taurino ocorreu há cerca de 10.000 anos, na região do Crescente Fértil (Turquia, Iraque e Irã), a partir do já extinto auroque, *Bos primigenius* (Bojanus,



1827), com o intuito do aproveitamento dos serviços e produtos oferecidos pelo animal ao homem, tais como o uso de animais de carga, a produção de leite e o uso do couro (AJMONE-MARSAN *et al.*, 2010). Recentemente, foi levantada a hipótese de que na Idade do Bronze, há cerca de 4.000 anos, teria ocorrido um influxo genético entre o gado zebuíno índico, *Bos taurus indicus* Linnaeus, 1758, conhecido como boi zebu e domesticado no Vale do Indo (Ásia Meridional) há aproximadamente 8.000 anos, e o gado taurino. Isso teria ocorrido devido à grande seca que acometeu a região da Mesopotâmia, o que levou à hibridização dessas subespécies (apontadas como espécies diferentes por alguns autores) pelo homem em virtude de o zebu ser mais resistente e melhor adaptado a ambientes áridos (VERDUGO *et al.*, 2019).

Juventus (Itália)



Figura 14. Juventus, clube pelo qual Paolo Rossi começou sua carreira profissional e conquistou mais títulos, tem o touro e a zebra como representantes. **14A.** Escudo atual; **14B.** Escudos antigos com a imagem do touro de 1930-1977 e de 2004-2017, e com a zebra rampante, de 1977-1982 (da esquerda para à direita); **14C.** Ilustração da zebra, mascote oficial do clube; **14D.** Paolo Rossi com a camisa da Juventus; **14E.** Mascote de campo Jay; **14F.** Zebras-da-planície, *Equus quagga*, mostrando o padrão de listras como auxílio na quebra do contorno do corpo. Fontes: GOOGLE IMAGENS (14A); BLOG ESCUDOS DE FUTEBOL (14B); RICCARDO DE CONCILLIS (14C); ANSA SPORT (14D); DIÁRIO POTIGUAR (14E), MAYELA LOPES/GETTY IMAGES EUROPE (14F).

Símbolo de virilidade e poder, o touro se faz presente em muitas culturas espalhadas pelo mundo, caso de celtas, hebreus, egípcios e gregos, esses últimos com a famosa lenda do Touro de Creta, que conta que um grande touro branco, enviado à Ilha de Creta por Poseidon, deus dos mares, teria dado origem ao Minotauro, metade homem, metade touro, nascido da relação entre a mulher de Minos, filha do Rei Astério, e a criatura mitológica taurina. O Touro de Creta é associado aos céus, representado pela constelação de touro, um dos doze signos do zodíaco (SPALDING, 1982). Atualmente, na bolsa de valores de Wall Street, em Nova Iorque, há uma famosa estátua de bronze de um touro, chamada *Charging Bull*, obra do artista italiano Arturo Di Modica, que representa um touro em ataque, simbolizando a investida na bolsa de valores (CAUTI, 2019).



Já a zebra, retratada como mascote da Juventus em nítida analogia entre as listras pretas e brancas do animal com a camisa alvinegra da equipe, é a mascote oficial. Apesar de a mascote de campo, chamada Jay, ter surgido apenas em 2015, a zebra figurou em versões anteriores do escudo da equipe, aparecendo pela primeira vez em 1929, com uma zebra estilizada em posição rampante feita pelo desenhista Carlo Bergoglio (Figura 14). Antes da zebra, nas décadas de 1980 e 1990, a agremiação de Turim teve como mascote um cachorro *bianconero* chamado Giampi, em homenagem ao ídolo Giampiero Boniperti (MONDOJUVE, 2021).

As zebras são parentes próximos dos cavalos e asnos, pertencendo ao mesmo gênero, *Equus* Linnaeus, 1758 (Perissodactyla: Equidae). Restritas às planícies e às savanas da porção centro-sul do continente africano, as zebras são animais com uma organização social hierárquica complexa, geralmente vivendo em grupos com até 20 indivíduos, sendo apenas um macho dominante. Costumam realizar grandes migrações em diferentes épocas do ano em busca de maior oferta de alimento, geralmente gramíneas. Atualmente existem três espécies de zebras: a zebra-de-grevyi, *Equus grevyi* Oustalet, 1882, que vive nas regiões secas da Etiópia e do Quênia, sendo a espécie com maior risco de extinção; a zebra-das-planícies, *Equus quagga* Boddaert, 1785, a mais comum, encontrada em toda a savana africana e em muitos zoológicos pelo mundo; e a zebra-das-montanhas, *Equus zebra* Linnaeus, 1758, presente no sudoeste de Angola e oeste da Namíbia, e na África do Sul, sendo a menor das três espécies (RUBENSTEIN, 2010).

Independentemente da espécie, as zebras são caracterizadas justamente por seu padrão de listras peculiar no reino animal, cuja função ainda gera muitos debates na Biologia. As principais hipóteses destacam a função de atraparilhar predadores (confundem sua localização quando um indivíduo está correndo ou, principalmente, quando as zebras estão agrupadas, onde o padrão de listras de uma zebra se mistura com as das outras ao seu redor) (STEVENS *et al.*, 2008), de auxiliar na regulação da temperatura corporal (listras escuras absorveriam mais calor pela manhã, aquecendo o animal, e as brancas refletiriam a luz durante horários mais quentes, evitando o aquecimento) (COBB & COBB, 2016) e de repelir insetos (moscas, como a tsé-tsé, tendem a pousar menos em superfícies listradas) (EGRI *et al.*, 2012). Outra hipótese razoável é que o padrão de cor funciona na comunicação, reconhecimento e atração sexual de parceiros, como uma espécie de impressão digital, especialmente porque os padrões e a intensidade das faixas variam de acordo com a espécie e a localização da população. Porém, essa hipótese vem cada vez mais sendo posta à prova em artigos científicos (CAPUTO *et al.*, 2017).

Com poucas oportunidades na equipe *bianconera* no início de sua carreira, Paolo Rossi aceitou ser emprestado para o Como, onde atuou por apenas seis vezes, sem marcar gols. Atualmente a equipe, que disputa a Serie C italiana, traz como mascote uma ave conhecida como mergulhão-de-crista, *Podiceps cristatus* (Linnaeus, 1758) (Podicipediformes: Podicipedidae), muito comum nas águas do Lago de Como. Porém, a polêmica em torno dos símbolos baseados em aves no clube é extensa e possui história bastante curiosa. O Como, que até 1984 utilizava um escudo com o brasão da cidade homônima ao clube, capital da Lombardia, resolveu realizar um concurso para a escolha de um novo logotipo em comemoração ao retorno da equipe à Série A italiana. Dentre as regras do concurso estava a necessidade de representação de símbolos da cidade, como o Lago de Como ou a Catedral Municipal. Com mais de 500 propostas recebidas, o símbolo escolhido gerou muita polêmica, pois trazia uma garça-real, *Ardea cinerea* Linnaeus, 1758 (Pelecaniformes: Ardeidae) com o Lago de Como ao fundo, porém a ave não ocorre nessa região. A justificativa do clube, que alegou que o símbolo era uma inspiração nas garças que ocorrem no Oásis de Bassone, nos arredores da cidade, não acalmou o ânimo da torcida, já que isso violaria as regras do concurso. Após o descenso para a terceira divisão italiana no ano de 1990, os dirigentes da equipe, alegando que símbolo trouxe azar ao clube, despromoveram a garça da simbologia do clube. Na temporada de 2002-2003 o clube chega a criar uma mascote sem qualquer ligação com a garça, um cão da raça buldogue chamado Bullo (IL MUSEO DEL COMO, 2021). Mas esse não seria o fim das aves aquáticas na simbologia do Como, já que, em 2017, nas comemorações do aniversário de 110 anos do clube, foi realizado um novo concurso para a escolha de mais uma mascote para a equipe. E a vencedora foi o mergulhão-de-crista, batizada de Ilario e criada pelo desenhista local Mauro Francesca, que deixou para trás o Castelo de Baradello e uma gota antropomórfica do Lago de Como, as outras finalistas do concurso (QUICOMO, 2017) (Figura 15).



Calcio Como (Itália)

15A



15B



15C



15E



Figura 15. Como, clube pelo qual Paolo Rossi jogou apenas seis partidas, tem um mergulhão-de-crista como mascote atual. **15A.** Escudo atual; **15B.** Polêmico escudo escolhido em 1984 para representar o clube, trazendo uma imagem estilizada de uma garça-real, *Ardea cinerea*; **15C.** Ilustração da atual mascote, um mergulhão-de-crista; **15D.** Figurinha de Paolo Rossi do álbum do campeonato Italiano de 1975 com a camisa do Como; **15E.** Antiga mascote do Como, um cachorro, *Canis lupus familiaris*, temporada 2001-2002; **15F.** Casal de mergulhão-de-crista, *Podiceps cristatus*. Fontes: GOOGLE IMAGENS (15A); IL MUSEO DEL COMO (15B, 15C, 15E); WORTHPOINT (15D); WIKIPEDIA (15F).

O mergulhão-de-crista é um dos mais conhecidos membros da família, composta por 22 espécies de aves aquáticas de médio porte que habitam ambientes de água doce, principalmente estuários, lagos e rios. Eles estão presentes em todos os continentes, exceto nas regiões polares e na maior parte das ilhas oceânicas. De forma geral, eles lembram patos com pescoços alongados, bicos delgados e pernas traseiras posicionadas quase na região terminal do corpo, com os dedos individualmente formando grandes lobos, bastante adaptadas ao mergulho e à natação, mas que as deixam muito desajeitadas para andar na terra. É justamente durante o mergulho que caçam insetos, crustáceos, moluscos e peixes, principais itens de sua dieta. Apesar de solitárias, formam grandes bandos com centenas e até milhares de indivíduos em certas épocas do ano, especialmente no inverno, quando realizam migrações para águas interiores (HOWARD, 2003). No caso específico do mergulhão-de-crista, eles são residentes da Europa ocidental, Grã-Bretanha e Irlanda, partes do sul e leste da África, Austrália e Nova Zelândia, mas as populações de inverno podem ser encontradas nas águas costeiras da Europa, sul da África e todo o sul da Ásia. Eles são os maiores mergulhões da Europa, com plumagem branca e marrom, e cristas eréteis pretas na cabeça, nem sempre visíveis. Apesar de terem sido muito caçadas no passado, principalmente para consumo da carne e uso das plumas de sua crista em vestimentas vitorianas da Grã-Bretanha, hoje essas aves não se encontram mais ameaçadas por essas atividades, sendo os impactos humanos em seus ambientes naturais as maiores ameaças às populações dessa espécie (HOPE, 2014).



Após a rápida passagem no Como, o primeiro grande momento de sucesso na carreira do craque italiano veio na temporada seguinte, em 1976, defendendo o Vicenza, clube da cidade de mesmo nome, da região do Vêneto. Pela equipe, o craque italiano fez parte do elenco que conquistou o acesso à Série A e, no ano seguinte, ficou com o vice-campeonato italiano, atrás apenas da Juventus. Em ambas as competições, Paolo Rossi foi o artilheiro. Com nova lesão no joelho, pouco jogou na temporada 1978-1979, mas ainda assim marcou 15 gols. O Vicenza tem como mascote um gato, *Felis silvestris catus* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Felidae), chamado de Gatton Gattoni, criado na temporada 1994-1995 para aproximar a equipe do povo da cidade, promovendo maior apoio ao elenco *biancorroso* (alvirrubro, em italiano), que disputava a Serie B italiana na época. A estratégia de marketing funcionou e, ao fim da temporada, a equipe foi promovida para a Série A. No ano seguinte, Gatton Gattoni ganhou uma versão de mascote de campo, sendo a primeira dessa categoria para uma mascote de um clube italiano (FERRANDO, 2010). A equipe de futebol feminino do Vicenza também criou sua própria mascote, uma gata chamada La Gattina (Figura 16).

Os gatos estão entre os animais de estimação mais populares do planeta, com estimativas que apontam para cerca de 600 milhões de indivíduos convivendo diariamente com os humanos. Esse convívio teve início há cerca de 9.500 anos, tendo como ponto de partida possivelmente o Chipre ou o Antigo Egito, onde foram achados vestígios de ossadas desses animais enterradas junto às de humanos, uma prova de afetividade entre os homens e os felinos (VIGNE *et al.*, 2004). Porém, foi durante o Neolítico que essa relação se estreitou. Com o advento da agricultura na região do Crescente Fértil há aproximadamente 5.500 anos, os homens começaram a criar áreas de depósitos para armazenar grãos, o que atraiu roedores para esses locais. Como consequência, isso também atraiu os gatos selvagens, mais especificamente o gato-da-líbia, *Felis silvestris lybica* Forster, 1780, que se alimentavam desses roedores. Assim, o processo de domesticação dos gatos domésticos teve início com uma relação sinantrópica oportunista, já que o convívio com os humanos surgiu em função da disponibilidade de alimento em abundância para eles (HU *et al.*, 2014).

Gatos selvagens são caçadores territoriais solitários sem uma estrutura social hierárquica, o que os tornam animais de difícil domesticação, especialmente como animais de companhia. Contudo, não demorou muito para os seres humanos perceberem a vantagem de terem gatos por perto para controlar as pragas de ratos, oferecendo a eles para isso alimento e abrigos aquecidos. A partir daí não existem muito vestígios arqueológicos, o que torna o processo de domesticação desses animais tema de muitos debates. Porém, é provável que os animais menos ariscos e mais sociáveis se mantinham por perto, sendo a partir desses indivíduos que foram originados os gatos domésticos, que se espalharam pelo mundo levados pelo homem nos grandes eventos de migração da espécie humana. Dessa forma, uma das hipóteses atuais que versa sobre a domesticação de gatos aponta para uma relação comensal⁸ lenta entre gatos e humanos que durou milhares de anos antes que os humanos exercessem uma influência substancial em sua criação, diferentemente de outros animais domesticados, como o gado doméstico, que evoluíram de animais selvagens que o homem caçava e resolveu criar e cruzar para obter seus produtos⁹ (HU *et al.*, 2014; OTTONI *et al.*, 2017).

8. A domesticação de um animal pode seguir três caminhos principais. O primeiro é o **caminho comensal**, quando não houve uma intenção inicial de domesticação pelo homem, sendo os animais atraídos pelo benefício de recursos associados ao ambiente antropogênico, como sobras ou outros animais (presas) atraídos por fontes de alimento estocado; assim, esses animais acabaram desenvolvendo laços sociais ou econômicos mais estreitos, caso de cães, gatos e possivelmente porcos. O **caminho de presa** ocorreu quando os humanos perceberam que era mais vantajoso prender e criar animais que eram suas presas do que caçá-los todo o tempo, sendo essa a principal forma de domesticação de gados. Com o passar do tempo, o homem passou a selecionar espécies que melhor se adequavam a este manejo. Por fim, o **caminho dirigido** foi um processo deliberado e direcionado com o objetivo de obter recursos específicos com a domesticação de animais que, a princípio, estavam afastados da relação com humanos. Tal estágio, provavelmente, surgiu após a consolidação das vias anteriores, caso dos animais de tração e transporte, como cavalos, burros e camelos. É importante ressaltar que esses caminhos não são mutuamente exclusivos (ZEDER, 2012).

9. A domesticação comensal lenta de gatos e cães possivelmente começou sem seleção artificial consciente e pode ter ocorrido mais de uma vez em momentos distintos. Porém, as inúmeras raças domésticas desses animais foram mediadas por um processo de seleção artificial consciente muito mais rápido. Assim, os homens passaram a selecionar animais de acordo com suas características morfológicas, fisiológicas e aptidões para acasalar entre si, gerando descendentes que atendem aos seus critérios de interesse (*e.g.*, benefícios econômicos e estéticos, como cor e comprimento dos pelos), sem preocupação com o bem estar animal e de sua capacidade para sobreviver por conta própria em ambiente competitivo (SANS *et al.*, 2018).



LR Vicenza (Itália)



Figura 16. Vicenza, clube pelo qual Paolo Rossi conquistou o acesso à Série A italiana e que possui o gato como mascote. **16A.** Escudo atual; **16B.** Ilustração da mascote oficial, Gattone Gattone, representado por um gato; **16C.** Ilustração da mascote La Gattina da equipe feminina do Vicenza; **16D.** Paolo Rossi com a camisa do Vicenza; **16E.** Mascote de Campo Gattone Gattone, criado em 1996; **16F.** Gato, *Felis silvestris catus*. Fontes: GOOGLE IMAGENS (16A); WIKIPEDIA (16B, 16D); VICENZA CALCIO FEMMINILE (16C); CORRIERE DEL VENETO (16E); REVISTA PLANETA (16F).

Com isso, os gatos tornaram-se animais extremamente venerados pela humanidade. A popularidade desses felinos era tão grande que, no Antigo Egito, diversas gravuras, pinturas e estátuas retratavam o animal como sagrado. Várias divindades eram representadas com a figura do animal, incluindo Bastet, a deusa da fertilidade, que era simbolizada com a cabeça de um gato, e Rá, o deus-sol, que aparecia na figura de gatos machos que traziam proteção. Também foram encontrados vestígios arqueológicos de tumbas com humanos mumificados juntos aos gatos (SERPELL, 2000). Essa admiração não se restringia aos egípcios, sendo encontrada em outros povos, como os Persas e os Chineses (SMITH, 2017). Porém, na Idade Média, época dominada pelos dogmas de uma Igreja Católica monoteísta e carregada de superstições, a imagem desses felinos foi relacionada ao mau agouro, aos espíritos demoníacos e a bruxarias, em especial a dos gatos pretos, que eram associados à noite e à escuridão. Essa crença tola permanece até os dias atuais, quando cruzar com um gato preto é sinal de azar para muitas pessoas, por vezes trazendo rejeição aos bichanos (MACHADO & PAIXÃO, 2014; DA-SILVA, 2016).

Em 1979, Paolo Rossi se transferiu para o Perugia, equipe da capital da Úmbria, onde passou por alguns problemas extracampo. O principal deles foi o envolvimento no escândalo de manipulação de resultados da Loteria Esportiva italiana, em 1980, que ficou conhecido como Totonero. Rossi e mais 27 jogadores foram acusados de terem vendido a apostadores resultados de algumas partidas do campeonato. O craque foi denunciado pela partida diante do Avellino, onde marcou dois gols, e acabou suspenso do futebol por dois anos, mesmo negando qualquer envolvimento no esquema de manipulação. Assim, ele não chegou

a completar 30 jogos com a camisa da equipe *grifoni*, como é conhecido o clube, por ter a imagem heráldica de um grifo em seu escudo. A mascote do Perugia, batizada de Pegri (*Pe*, de Perugia, e *gri*, de grifo) e criada em 1998 por Carlo Zoppitelli, também é inspirada no animal mitológico (URAS, 2018) (Figura 17). O grifo foi escolhido por ser o símbolo da cidade de Perugia, estando presente também no brasão de armas municipal e em diversas estátuas e fachadas da cidade.

O grifo é uma criatura mitológica híbrida, metade leão [*Panthera leo* (Linnaeus, 1758) - Carnivora: Felidae] e metade águia (Accipitriformes: Accipitridae), tendo o corpo do felino e a cabeça, pernas dianteiras e asas da ave de rapina. Apesar das controvérsias em relação à sua origem, os primeiros registros iconográficos dessa criatura datam do quarto milênio a.C., oriundos do Antigo Egito e do Elã, essa última uma antiga região entre os atuais Irã e Iraque. Posteriormente, a imagem do grifo teria se espalhado por outros lugares, como a Mesopotâmia, a Síria e várias outras regiões asiáticas (BASIC, 2009). No entanto, existem evidências da presença de grifos já na mitologia de povos nômades pré-históricos das Montanhas Altai, na Ásia Central (LYMER, 2018).

Perugia (Itália)



Figura 17. Perugia, clube defendido por Paolo Rossi na temporada 1979-1980 e que possui um grifo, criatura mitológica, como mascote e em seu escudo. **17A.** Escudo atual; **17B.** Charge em comemoração ao quarto aniversário do museu oficial do clube, publicada em 2019 nas redes sociais do Perugia; **17C.** Ilustração da mascote no álbum de figurinhas Panini Calciatore da temporada 1994-1995; **17D.** Paolo Rossi com a camisa do Vicenza; **17E.** Mascote de Campo Pegri, criado em 1997-1998; **17F.** Imagem de um grifo. Fontes: GOOGLE IMAGENS (17A, 17F); Instagram @acperugia_official (17B); LAST STICKER (17C); Twitter @ACPerugiaCalcio (17D, 17E).

Presentes em um grande número de civilizações espalhadas pelo mundo, os grifos recebem atribuições e significados distintos, especialmente entre os povos do Oriente e do Ocidente. Para os orientais, egípcios e gregos esses seres mitológicos tinham relação com o ciclo da morte e do renascimento, sendo cultuados em cerimônias sagradas, onde eram considerados representantes de divindades; para os ocidentais,

representavam mais um símbolo de poder, força e proteção (INFOPÉDIA, 2021). A imagem de criatura guardiã também aparece na mitologia egípcia, romana e grega, como na associação com Hórus, deus egípcio protetor dos faraós e de templos sagrados, Apolo, o deus-sol greco-romano, onde os grifos guardavam seus tesouros na Cítia, e até mesmo Zeus, o Deus Supremo na mitologia grega, que tinha os grifos como fiéis cães de guarda (WYATT, 2009; LYMER, 2018). Na filosofia cristã e no budismo tibetano, os grifos reúnem o que há de melhor entre o reino terrestre e o reino dos céus, gerando um sincretismo entre os poderes sobrenaturais e mundanos. Inclusive eram associados pela Igreja a Jesus Cristo, já que representavam a associação de seres divinos considerados os reis dos céus (águia) e da terra (leão). Com isso, o simbolismo dos grifos sobreviveu até a Idade Média, onde eles aparecem em muitos brasões de reinos, vilas e cidades europeias (FRIAR, 1987; WYATT, 2009). E passado tanto tempo os grifos ainda permanecem presentes no imaginário popular da sociedade contemporânea, sendo figuras frequentes em diversas marcas, emblemas de cidades e instituições, na literatura e no cinema, como no caso de AS CRÔNICAS DE NÁRNIA e de Harry Potter, onde essas criaturas aparecem.

Em 1980, mesmo suspenso do futebol, Paolo Rossi foi contratado pela Juventus, seu clube formador. Sem jogar por quase dois anos, Rossi ficou treinando com os outros jogadores da “Velha Senhora” e estreou pela equipe apenas em abril de 1982. Após período glorioso jogando pela Juventus, como já mencionado anteriormente, foi contratado pelo Milan em 1985, onde pouco rendeu, em função das seguidas lesões crônicas em seu joelho, marcando apenas dois gols em 20 jogos com a camisa *rossonera* (rubro-negra, em italiano). O Milan, uma das equipes mais tradicionais na Europa, não possui animais associados à imagem do clube, sendo o diabo a mascote da equipe desde sua criação, quando o Herbert Kilpin, jogador e fundador do clube, teria dito: “Seremos uma equipe de diabos. E nossas cores serão o vermelho como o fogo e o preto como o medo que causaremos em nossos adversários” (BASTOS, 2018). Criada em 2006, a mascote de campo do Milan, batizada de Milanello, faz muito sucesso nos jogos do clube.

No ano seguinte, Rossi se transfere para o Hellas Verona, equipe da cidade de Verona e um dos principais rivais de seu antigo clube, o Vicenza. Seu fundador, o professor de grego Decio Corubolo, batizou a equipe em homenagem a Hélade, como era conhecida a Grécia na Antiguidade e que ganhou o nome atual por influência dos romanos, que chamavam os helenos de gregos (ANDREOSE, 2020). Foi no Hellas Verona que o craque italiano disputou sua última temporada, ainda convivendo com dores crônicas em seu joelho, que acabaram o levando a se aposentar com apenas 32 anos, em 1987. O Hellas Verona tem dois símbolos em seu escudo, que foi recentemente remodelado para a temporada 2020-21. O primeiro é uma escada, posicionada no centro do escudo. A escada é símbolo da província de Verona, uma alusão ao símbolo da dinastia Veronese Scaligera, comandada por Mastino Della Scala (*scala* significa escada, em italiano), comandante e líder de Verona no século XIII. O outro é formado pelas duas cabeças opostas de cachorros da raça mastim, formando um “V”, inicial da cidade de Verona, e também uma homenagem a Mastino (ANDREOSE, 2020). Os mastins são uma raça de cães de grande porte, cabeça volumosa e pelagem curta, que eram muito usados como cães de guarda e de caça. Apesar de um cachorro ser muitas vezes representado como mascote do Hellas Verona, segundo o site oficial do clube a mascote da equipe *mastini* é uma escada antropomórfica, escolhida em um concurso realizado em uma escola primária veronesa e chamada de Zeno em homenagem ao santo que intitula a basílica local (Figura 18).

Assim como os gatos, os cachorros também são mundialmente populares como animais de estimação e os processos de sua domesticação ainda são um tanto enigmáticos, sendo os primeiros cães verdadeiramente domésticos difíceis de identificar. Porém, diferentemente dos felinos, a domesticação dos cachorros a partir de lobos selvagens se deu em uma época bem mais remota, há cerca de 40.000 anos, o que os torna os primeiros animais a serem domesticados pelo homem (BOTIGUÉ *et al.*, 2017). Nessa época o homem ainda era um nômade coletor-caçador (outra diferença crucial em relação à domesticação dos gatos, que possuem relação com o surgimento das vilas e da agricultura). Assim, os lobos possivelmente eram atraídos pelos restos de carnes de caça consumida pelos humanos. Mas os animais também traziam benefícios ao homem, como o fato de alertarem para a presença de animais selvagens potencialmente perigosos e até mesmo no auxílio da caça. Uma das teorias para o início do processo de domesticação dos



lobos é conhecida como autodomesticação, na qual a amizade inicial entre as espécies teria levado a uma forte pressão seletiva, gerando as diferenças físicas e comportamentais que existiam nos cães primordiais em relação aos lobos: animais menos tímidos, menos agressivos, com hierarquias sociais de matilha menos rígidas, capazes de reconhecer alguns sinais cognitivos sociais da espécie humana, de tamanhos menores e dentição mais apinhada, além de anatomia facial mais sutil, com órbitas maiores (o famoso “olhar de cachorro que caiu da mudança”). E assim permaneceriam juntos aos grupos de humanos e se alimentariam por mais tempo, se beneficiando dos restos alimentares deixados por eles. Esses proto-cães “autodomesticados” tiveram grande potencial para seleção artificial intencional pelos humanos (HARE *et al.*, 2002; SMITH & VAN VALKENBURGH, 2020; LAHTINEN *et al.*, 2021). Dessa forma, assim como no caso dos gatos, o homem não teria inicialmente domesticado esses animais de forma intencional, algo bastante diferente do que ocorreu com os auroques, que deram origem ao gado bovino. Mas como animais potencialmente competidores do mesmo recurso, no caso a carne das presas, vivendo em nichos ecológicos parcialmente sobrepostos, poderiam ter se aproximado?

Hellas Verona (Itália)



Figura 18. O Hellas Verona, último clube da carreira de Paolo Rossi, possui um cachorro, *Canis lupus familiaris*, da raça mastim em seu escudo. **18A.** Escudo atual; **18B.** Escudos antigos com a imagem dos cães da raça mastim, temporadas 1991-1995 e 1999-2020 (da esquerda para a direita); **18C.** Ilustração da mascote não oficial do álbum de figurinhas Panini Calciatore da temporada 1994-1995; **18D.** Paolo Rossi com a camisa do Hellas Verona; **18E.** Mascote de campo Zeno, uma escada que simboliza a dinastia Veronese Scaligera; **18F.** Imagem de um cão da raça mastim. Fontes: GOOGLE IMAGENS (18A, 18D); WIKIPEDIA (18B); GONFIALARETE (18C); CALCIOPIEDIA (18E); 101 DOGBREEDS (18E).

Um estudo recente tem uma teoria interessante sobre isso. Segundo os autores, a domesticação dos cães teria surgido no norte da Eurásia durante o último período glacial do Pleistoceno Superior, entre 10.000 e 82.800 anos atrás, conhecido como Idade do Gelo. Com essa região coberta pelo gelo, os homens dependiam



basicamente de uma dieta à base de animais, já que a disponibilidade de alimentos vegetais era escassa. Porém, não estamos adaptados a uma dieta exclusivamente carnívora por uma questão evolutiva, já que somos descendentes de ancestrais herbívoros e insetívoros e, com isso, nossa capacidade de metabolizar proteínas é limitada pelo fígado, causando intoxicação severa por consumo excessivo. Assim, os homens começaram a consumir as porções mais gordurosas de sua caça para obter carboidratos, descartando as partes magras. Ao contrário dos humanos, os lobos podem, por causa de sua história evolutiva como carnívoros, sustentar-se em curto prazo com uma dieta exclusivamente à base de proteínas. Com isso, o excesso de proteína refletido nas sobras das partes magras das presas poderia ser dado aos lobos, permitindo o convívio em simpatria sem que houvesse competição entre as espécies, culminando no início de uma grande amizade que perdura até os dias de hoje (LAHTINEN *et al.*, 2021). No entanto, como já mencionado, ainda há muita discussão acerca da domesticação dos cães, passando desde a data de origem desse processo (que, para alguns autores, pode girar em torno de 15.000 anos atrás ou menos), bem como o local onde esse fato teria ocorrido (sul da China, Mongólia, Europa, entre outros), com muitas divergências entre as pesquisas científicas recentemente publicadas com base em dados genômicos e DNA mitocondrial (*e.g.*, THALMANN *et al.*, 2013; SHANNON *et al.*, 2015; WANG *et al.*, 2016).

Rossi e a Seleção Italiana

Com a camisa da *Azzurra*, Rossi alcançou o grande sucesso de sua carreira. Depois de duas grandes temporadas pelo *Vicenza*, Enzo Bearzot convoca o craque para um amistoso pela seleção nacional em dezembro de 1977 e, posteriormente, para alguns jogos das Eliminatórias da Copa daquele ano. Paolo Rossi foi incluído no grupo italiano que disputou a Copa do Mundo de 1978, ocorrida na Argentina, marcando seu primeiro gol com a camisa da seleção justamente na vitória diante da França na estreia do torneio. A Itália terminou o mundial daquele ano na quarta posição e Rossi marcou três gols no torneio, terminando a competição como principal destaque e goleador da seleção de seu país.

Paolo Rossi deixou de participar da Eurocopa de 1980 devido à suspensão de dois anos que recebeu em virtude do esquema de manipulação de resultados da Loteria Esportiva. Porém, para a sorte dos italianos (e azar dos brasileiros), o período de suspensão terminou pouco antes da Copa do Mundo de 1982, realizada na Espanha. Convocado para a copa, Rossi não teve bom desempenho na primeira fase do torneio, assim como toda a Seleção Italiana, que quase terminou eliminada após empatar as três partidas. Com isso, na segunda fase da competição, a Itália caiu no grupo que incluía a Argentina e o grande favorito do torneio, o Brasil de Telê Santana, que contava com craques como Sócrates, Júnior, Zico, Cerezo, Falcão e companhia. A desacreditada Itália venceu a Argentina e, no jogo seguinte, com Paolo Rossi marcando os três gols da vitória por 3 x 2, a Seleção Brasileira, que foi considerada por muitos como uma das melhores de todos os tempos, mas que acabou sendo eliminada em jogo que ficou marcado para sempre na memória dos brasileiros. O episódio ficou conhecido no Brasil como “A Tragédia do Sarriá”, nome do antigo estádio espanhol da periferia de Barcelona, posteriormente demolido para a construção de um shopping center, e o craque italiano ganhou da imprensa mundial o apelido de “O Carrasco Brasileiro”. No fim, após a semifinal diante da Polônia, onde Rossi marcou os dois gols da vitória por 2 x 0, a Itália sagrou-se campeã diante da Alemanha, com direito a mais um gol do craque na vitória por 3 x 1. Paolo Rossi terminou a competição como artilheiro, com seis gols, e foi eleito o melhor jogador da copa, ganhando todas as premiações individuais, como a Chuteira de Ouro e a Bola de Ouro (feito só alcançado pelo argentino Mario Kempes, em 1978, e pelo brasileiro Ronaldo, em 2002).

Depois desse mundial, Rossi pouco brilhou pela seleção. A Itália ficou fora da Eurocopa de 1984 após ser eliminada ainda na fase eliminatória e, mesmo sendo convocado e tendo participado do grupo que disputou a Copa do Mundo de 1986, realizada no México, ele não jogou uma partida sequer do torneio em função de nova lesão. Assim, sua última partida oficial pela Itália foi em amistoso diante da Guatemala, antes do mundial de 1986.

A trajetória de Paolo Rossi pela Seleção Italiana é marcada pela pouca representatividade de animais. Isso ocorre porque as mascotes da Copa do Mundo de 1978, representada pelo Gauchito, um menino boiadeiro com trajes típicos dos pampas argentinos, e das edições de 1982 e 1986, representados



respectivamente por Naranjito e Pique, uma laranja e uma pimenta-jalapenho, como destacados anteriormente, não trazem qualquer animal. Já a Seleção Italiana, na maioria dos álbuns de figurinha das copas traz a imagem de um italiano, geralmente com o tão tradicional chapéu de cozinheiro, segurando uma pizza ou um prato de massa, iguarias da Itália mundialmente famosas. Porém, na Copa do Mundo de 2002, disputada no Japão e na Coreia do Sul, o leão Italo, uma simpática mascote de campo, acompanhou a *Azzurra* no torneio (Lo Bosco, 2002) (Figura 19).

Seleção Italiana



Figura 19. Principais competições e mascotes dos torneios disputados por Paolo Rossi com a camisa da Seleção Italiana, cuja mascote retrata um cozinheiro italiano (imagem aqui replicada do álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 1994, Ping Pong) e um leão, *Panthera leo*, utilizado na Copa do Mundo de 2002. Fonte: GOOGLE IMAGENS.

O leão é um dos animais mais apreciados no mundo, sendo o mais utilizado na simbologia esportiva de clubes e seleções de futebol (DUMAS, 2020a). Capaz de emitir um rugido poderoso, que pode ser ouvido a até nove quilômetros de distância, e considerado um dos maiores predadores da natureza, o leão acabou por receber a alcunha de “Rei dos Animais” e “Rei das Selvas”. Atualmente ele é encontrado na maior parte da África subsaariana, em planícies e savanas, mas já teve uma distribuição mais ampla, onde ocorria também no norte do continente africano e em quase todo o sudoeste asiático. Porém, acabou sendo praticamente extinto dessas regiões devido às ações antrópicas, persistindo de forma natural apenas em uma pequena porção de terra na reserva da Floresta de Gir, no noroeste da Índia (HARRINGTON, 2004). São os únicos dentre os grandes felinos considerados sociais, vivendo em bandos de até 40 indivíduos, geralmente constituídos de um macho dominante, responsável por cuidar dos membros do grupo e do território, várias fêmeas, que se encarregam da caça, e seus filhotes. Quando um macho da cria começa a se desenvolver e a se transformar em uma



potencial ameaça para o macho alfa, ele é expulso do bando e precisa procurar novas coalizações, entrando em disputa com machos de outros bandos para assumir a liderança do grupo. Um macho, ao dominar um novo bando, tende a matar todas as crias jovens, assumindo somente seus futuros filhotes (PARKER *et al.*, 1990; HARRINGTON, 2004).

Mesmo sendo um animal restrito à África e a parte da Ásia, os leões estão presentes em quase todas as culturas do planeta, sendo admirado pelo homem mais do que qualquer outro animal. Pode-se dizer que o leão praticamente possui uma universalidade temporal e espacial no simbolismo das diversas civilizações humanas. Desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, que o leão é visto como símbolo de bravura, poder e nobreza, muito em função de sua beleza e força majestosa, que o levaram a ser considerado o rei de todos os animais. Não é a toa que aparecem na heráldica dos brasões de famílias reais, reinos e, atualmente, nações, estados e municípios em todo o planeta. Nas famosas mitologias do passado, como a grega, a romana e a egípcia, eram figuras constantemente presentes, representando divindades, criaturas mágicas, fazendo parte de quimeras de animais, entre outros simbolismos. No Antigo Egito, por exemplo, uma das iconografias mais famosas é a Esfinge de Gizé, representada por uma cabeça humana e um corpo de leão. Imperadores romanos e monarcas da Europa medieval costumavam possuir o animal como forma de impor poder, respeito e medo, o que tornou o leão a representação mais popular nos brasões de armas reais europeus. A força do animal era tanta que passou a ser usado também na religião como um dos principais símbolos do cristianismo, sendo a representação de Jesus Cristo sob a forma do Leão de Judá, do islamismo, na forma de Ali, o Leão de Alá, e do hinduísmo, na forma da deusa Maya (MANGIN, 2012).

Mas tamanha admiração foi uma das maiores desgraças para a espécie. Como todos queriam leões para simbolizar seu poder, milhares desses animais, especialmente o leão-de-atlas, uma variação da espécie que ocorria no norte da África e cujos machos portam uma exuberante juba escura, foram tirados de seu habitat no norte da África, causando um gigantesco declínio em sua população. Isso se ampliou ainda mais no século XIX, com a invenção das armas de fogo, que intensificaram significativamente a caça desses animais, culminando com a extinção total da população na metade do século XX (MAZÁK, 1970). O leão permanece sendo admirado em todo o mundo, sendo figura comum em todas as formas de manifestações culturais, em campanhas publicitárias e na simbologia de muitos países. E ainda hoje ele também continua seriamente ameaçado de se extinguir por completo caso nada seja feito.

Considerações Finais

A Zoologia Cultural, ramo da Ciência que estuda as diferentes manifestações zoológicas na cultura popular (DA-SILVA & COELHO, 2016), mostra-se um campo de estudo de enorme amplitude nas diferentes formas de se explorar a presença dos animais associados às distintas civilizações e formas culturais materiais e imateriais. E o início dessa relação data desde o surgimento de nossa espécie, com os animais ocupando lugar central na história da humanidade, sendo fundamentais para sobrevivência, dispersão e identidade da espécie humana, seja como provedores de serviços ecossistêmicos, fonte de alimentação, de transporte, e até de guerra ou de lazer. Assim, não é de se estranhar que mesmo com a quase exclusão das sociedades contemporâneas do convívio com o meio natural – não obstante ainda sejamos totalmente dependentes dele –, a admiração pelos animais permaneça a florada no imaginário popular (DA-SILVA & COELHO, 2016). Isso pode ser demonstrado pelo uso dos animais nas mais diversas formas de manifestações culturais da sociedade moderna. Assim, é possível até mesmo relacionar dois grandes craques do futebol aos animais quando analisadas suas carreiras esportivas, como demonstrado neste trabalho.

O futebol, por se tratar de um esporte de massa, globalizado e de grande alcance mundial, capaz até mesmo de moldar a identidade de uma nação, pode se tornar um forte aliado na contextualização e divulgação da Ciência para a sociedade como um todo. Talvez nenhuma atividade humana seja tão poderosa quanto o futebol na função de permear e de se comunicar universalmente entre povos com culturas, línguas e hábitos tão distintos espalhados pelo planeta. Dê uma bola a um grupo de crianças e certamente ela será chutada, quase como um comportamento inato do ser humano. Assim, usar o futebol como ferramenta,



quase de forma lúdica, para aproximar e informar a sociedade de temas fundamentais para o conhecimento científico necessário para entendermos como o mundo funciona, pode tornar esse desafio mais prazeroso, instigante e dialógico. Isso permite reduzir o abismo que muitas pessoas enxergam quando o assunto são os discursos prescritivos e, muitas vezes, ásperos da Ciência. Em tempos aonde os cientistas vêm sofrendo ataques constantes de um movimento global “anticiência”, que visa desconstruir a Ciência em prol de militâncias políticas e religiosas, nunca se fez tão necessário e urgente abordar o tema. E a Biologia Cultural pode assumir papel importante nessa missão de levar parte desse conhecimento, especialmente no que diz respeito aos animais, que estão presentes em quase todas as manifestações humanas.

Tendo como pano de fundo uma homenagem aos jogadores Diego Maradona e Paolo Rossi, é possível abordar temas relativos a certos grupos de animais simbolizados nos clubes, seleções e torneios disputados por esses jogadores ao longo de suas carreiras. Uma das possibilidades envolve a conservação da biodiversidade, como a aplicação de estratégias populares que abordem a urgência na necessidade de se preservar certas espécies em risco de extinção. Alguns animais que aparecem no simbolismo desses clubes trazem espécies que se enquadram nessa categoria, caso dos grandes felinos - guepardo (Al Wasl), leopardo (mascote da Copa do Mundo de 2010) e leão (Seleção Italiana) - e das zebras (Juventus), que estão na LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DA IUCN. Certamente iniciativas e participações dos clubes e jogadores em campanhas publicitárias para conscientização de seus torcedores e da população em geral seriam de grande valia, alertando um grande número de pessoas para a necessidade e a importância de se preservar tais espécies. Além disso, esses grandes mamíferos são considerados espécies bandeiras, ou seja, espécies carismáticas que atraem a atenção das pessoas e funcionam como ícones que estimulam apoio a causas de conservação (SIMBERLOFF, 1998). Isso auxilia muito na difusão da mensagem conservacionista e conscientização da opinião pública para a necessidade da preservação dos ecossistemas onde esses animais vivem, angariando mais apoio para a conservação da biodiversidade como um todo (incluindo as espécies menos carismáticas e que vivem nos mesmos ecossistemas). É fundamental que a população absorva os valores da biodiversidade e tomem medidas para preservá-la, mas como e por que preservar algo desconhecido ou sobre o que pouco se tem conhecimento? Assim, a popularização de animais pouco conhecidos do público em geral também é uma importante estratégia para preservação. Um dos grupos de animais mais fascinantes inclui os insetos conhecidos como besouros (ordem Coleoptera), caso das joaninhas, mascote do primeiro clube de Maradona, o Argentino Juniors, mas que, mesmo sendo o grupo de seres vivos mais diverso do planeta, com cerca de 350 mil espécies, são muito pouco conhecidos pelo público leigo.

Outra aplicação dos temas abordados neste estudo se refere ao ensino, tanto no nível básico como no superior, sendo uma forma de prender a atenção do aluno para um assunto que, para ele, pode ser potencialmente pouco interessante. E nesse campo existe um leque gigantesco de possibilidades, como demonstrado ao longo de diversas passagens deste trabalho – conceitos específicos ligados à Zoologia (caracterização morfológica), conceitos biológicos gerais (alimentação, predação, competição, gregarismo, reprodução, ciclo de vida) e aplicados (controle biológico, conservação ambiental), entre outros mais. Assuntos específicos, como as diferenças no processo inicial de domesticação de cães e gatos, norteados por um caminho comensal de forma não intencional, em relação à domesticação de outros grupos, caso do gado bovino, conduzido pelo homem através de seleção artificial intencional desde seu início para aproveitamento de produtos fornecidos por eles, também podem ser debatidos com base no uso desses animais por alguns clubes das carreiras dos dois craques aqui homenageados. Da mesma forma, também pode ser discutida com os alunos a importância do padrão da camuflagem disruptiva, como encontrado nas listras das zebras ou nas manchas dos guepardos e leopardos, ou ainda da coloração aposemática, caso das cores preta e vermelha das joaninhas, animais presentes neste trabalho. Também são mencionados a alimentação ruminante típica dos bovinos e o curioso hábito de coprofagia dos lagomorfos (coelhos), o comportamento social de certos animais, como lobos e leões, as adaptações de aves aquáticas para natação, caso do mergulhão-de-crista, o problema de espécies exóticas invasoras, como os coelhos na Austrália, entre outros temas interessantes que podem ser abordados e explorados em sala de aula.

Para finalizar, outras possibilidades de aplicação de temas discutidos neste trabalho são a de



desmistificar algumas crendices injustas relacionadas a alguns animais, caso da “burrice” dos burros e dos asnos, a de ajudar na identificação de certos animais que naturalmente geram confusão na população, como guepardos *versus* leopardos, jacarés *versus* crocodilos, e de apontar as adaptações fisiológicas de certos grupos de animais para a vida em ambientes distintos, caso do dourado-do-mar e do dourado que vive em água doce. Esses são apenas alguns exemplos do que pode ser explorado em um trabalho como este, que une a paixão do autor por duas atividades aparentemente pouco correlatas, o futebol e a Zoologia, mostrando o enorme potencial que a Zoologia Cultural tem de divulgar Ciência, mesmo em uma homenagem póstuma a dois gênios da bola que marcaram época.

Agradecimentos

Aos revisores pelas importantes sugestões que ajudaram a melhorar este trabalho. Também agradeço (em memória) aos jogadores aqui homenageados, especialmente Diego Armando Maradona, que tive o prazer de ver em campo desfilando toda sua categoria. Sem dúvida, Maradona está no *hall* dos jogadores que me fazem ser tão apaixonado pelo futebol, mesmo sendo um dos responsáveis por uma de minhas primeiras (tristes) memórias nesse esporte – a bela jogada que culminou com o gol de Cannigia na vitória argentina sobre o Brasil na Copa do Mundo de 1990, eliminando a seleção canarinho naquela copa. Como definiu o escritor uruguaio Eduardo Galeano, Diego Maradona foi o “mais humano dos deuses”.

Referências

- AJMONE-MARSAN, P.; GARCIA, J.F. & LENSTRA, J.A. 2010. On the origin of cattle: how aurochs became cattle and colonized the world. **Evolutionary Anthropology** **19**: 148-157.
- ALLEN, W.R. & SHORT, R.V. 1997. Interspecific and extraspecific pregnancies in equids: anything goes. **Journal of Heredity** **88**(5): 384-392.
- ANDREATO, S. 2015. **A história do SSC Napoli**. Blog do SSC Napoli [on-line]. Disponível em: <http://blogdossnapoli.blogspot.com/2015/07/a-historia-do-ssc-napoli.html>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- ANDREOSE, F. 2020. **Hellas Verona, il future celebra il passato: breve storia degli Scaligeri a partire dall'evoluzione del logo**. Rivista Contrasti [on-line]. Disponível em: <https://www.rivistacontrasti.it/hellas-verona-nuovo-stemma-logo-storia-serie-a/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- BARNADE, O. 2017. **Trece décadas (1891-2017): cómo nació el apodo de Bichitos Colorados de Argentinos Juniors**. Clarín [on-line]. Disponível em: https://www.clarin.com/deportes/futbol/nacio-apodo-bichitos-colorados-argentinos-juniors_0_BJiDrtClb.html. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- BARNES, J.K. 1997. The ladybug that left home: official New York State insect is a rarity. **New York State Conservacionist** **1997**: 19-21.
- BASIC, R. 2009. Between paganism and Christianity: transformation and symbolism of a winged griffin. **Journal of Iconographic Studies** **2009**: 2.
- BASTOS, R.M. 2018. **Hebert Kilpin**. Milan Brasil [on-line]. Disponível em: <https://acmilanbrasil.wordpress.com/testimonial/herbert-kilpin-2/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- BEJA-PEREIRA, A.; ENGLAND, P.R.; FERRAND, N.; JORDAN, S.; BAKHIET, A.O.; ABDALLA, M.A.; MASHKOUR, M.; JORDANA, J.; TABERLET, P. & LUIKART, G. 2004. African origins of the domestic donkey. **Science** **304**: 1781.
- BELMAIA, N.A.W. 2017. Do pessach à pascha: ressignificação dos significantes da Páscoa judaica pela Páscoa cristã. **Antíteses** **10**(19): 543-564.
- BENETTI, D.; BRILL, R. & KRAUL, S. 1995. The standard metabolic rate of dolphin fish. **Journal of Fish Biology** **46**(6): 987-996.



- BONECKER, A.C.T.; NAMIKI, C.A.P.; CASTRO, M.S. & CAMPOS, P.N. 2014. **Catálogo dos estágios iniciais de desenvolvimento dos peixes da Bacia de Campos**. Sociedade Brasileira de Zoologia.
- BOTIGUÉ, L.R.; SONG, S.; SCHEU, A.; GOPALAN, S.; PENDLETON, A.L.; OETJENS, M.; TARAVELLA, A.M.; SEREGÉLY, T.; ZEEBLANZ, A.; ARBOGAST, R.M.; BOBO, D.; DALY, K.; UNTERLÄNDER, M.; BURGER, J.; KIDD, J.M. & VEERAMAH, K.R. 2017. Ancient European dog genomes reveal continuity since the Early Neolithic. **Nature Communications** 8: 16082.
- BUENO, S. 2008. **Vocabulário tupi-guarani-português**. Vidalivros.
- CAMPOS, Z. 1993. Effect of habitat on survival of eggs and sex ratio of hatchlings of *Caiman crocodilus yacare* in the Pantanal, Brazil. **Journal of Herpetology** 27(2): 127-132.
- CAMPOS, Z. 2009. *Caiman* harvest after 18 years. **Crocodile Specialist Group Newsletter** 28(3): 16-17.
- CAPUTO, M.; RUBENSTEIN, D.I.; FRONEMAN, P.W. & BOUVEROUX, T. 2017. Striping patterns may not influence social interactions and mating in zebra: observations from melanic zebra in South Africa. **African Journal of Ecology** 2017: 1-4.
- CARO, T. 1994. **Cheetahs of the Serengeti plains: group living in an asocial species**. University of Chicago Press.
- CASARI, S.A. & IDE, S. 2012. Coleoptera. In: RAFAEL, J.A.; MELO, G.A.R.; CARVALHO, C.J.B.; CASARI, S.A. & CONSTANTINO, R. (ed.), **Insetos do Brasil: diversidade e taxonomia**. Holos Editora, p. 453-535.
- CAUTI, C. 2019. **O Touro de Wall Street faz 30 anos: descubra a história do símbolo Bull Market**. Suno Notícias [on-line]. Disponível em: <https://www.suno.com.br/noticias/descubra-historia-touro-de-wall-street/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- COHEN, O.; BAROCAS, A. & GEFFEN, E. 2013. Conflicting management policies for the Arabian wolf *Canis lupus arabs* in the Negev Desert: is this justified? **Oryx** 47(2): 228-236.
- COOB, A. & COOB, S. 2016. Do zebra stripes influence thermoregulation? **Journal of Natural History** 53: 863-879.
- CORNEJO, F. 2001. **Cebollita Maradona**. Editorial Sudamericana.
- DA-SILVA, E.R. 2016. Gato preto não dá azar: como a cultura pop pode ajudar a quebrar credences populares. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.), **I Colóquio de Zoologia Cultural – Livro do evento**. Perse, p. 136-144.
- DA-SILVA, E.R. 2018. No gogó da ema: a Zoologia no jargão dos boleiros brasileiros. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.), III Colóquio de Zoologia Cultural – Livro do evento. **A Bruxa** 2(especial 3): 158-159.
- DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2016. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na Cultura Pop. In: DA-SILVA, E.R.; PASSOS, M.I.S.; AGUIAR, V.M.; LESSA, C.S.S. & COELHO, L.B.N. (ed.), **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**. Perse, p. 24-34.
- DIAS, J.A. 2017. **O Inseto de Nossa Senhora**. Biorritmo [on-line]. Disponível em: <http://profjaborritmo.blogspot.com/2017/10/o-inseto-de-nossa-senhora.html>. Acesso em: 18 de janeiro de 2021.
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021a. **Significado da Joanhinha** [on-line]. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/joanhinha>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021b. **Jacaré** [on-line]. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/jacare>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021c. **Lobo** [on-line]. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/lobo>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- DUMAS, L.L. 2018. Air ball ou chuá? A Zoologia presente nos símbolos das equipes de basquetebol brasileiras e norte-americanas. **A Bruxa** 2(5): 1-31.



DUMAS, L.L. 2020a. A Copa do Mundo é o bicho! A Zoologia na maior competição de futebol do planeta. **A Bruxa 4(3): 1-37.**

DUMAS, L.L. 2020b. Além dos muros de Gotham City: o curioso caso dos morcegos no futebol espanhol. **A Bruxa 4(4): 1-27.**

DURANT, S.M.; MITCHELLA, N.; GROOMA, R.; PETTORELLIA, N.; IPAVECA, A.; JACOBSONA, A.P.; WOODROFFEA, R.; BÖHMA, M.; HUNTERE, L.T.B.; BECKERF, M.S.; BROEKHUIH, F.; BASHIRA, S.; ANDRESENJ, L.; ASCHENBORNK, O.; BEDDIAFL, M.; BELBACHIRM, F.; BELBACHIR-BAZIM, A.; BERBASHN, A.; MACHADO, I.B.M.; BREITENMOSERP, C.; CHEGER, M.; CILLIERSS, D.; DAVIES-MOSTERTT, H.; DICKMANH, A.J.; EZEKIELU, F.; FARHADINIAH, M.S.; FUNSTONE, P.; HENSCHLE, P.; HORGANV, J.; IONGHW, H.H.; JOWKARX, H.; KLEINV, R.; LINDSEYE, P.A.; MARKERZ, L.; MARNEWICKT, K.; MELZHEIMERA, J.; MERKLEF, J.; M'SOKABB, J.; MSUHACC, M.; O'NEILLA, H.; PARKERDD, M.; PURCHASEA, G.; SAHAILOUEE, S.; SAIDUFF, Y.; SAMNAEE, A.; SCHMIDT-KÜNTZELZ, A.; SELEBATSOGG, E.; SOGBOHOSSOUHH, E.A.; SOULTANII, A.; STONEJJ, E.; VAN DER MEERKK, E.; VAN VUURENLL, R.; WYKSTRAMM, M. & YOUNG-OVERTONE, K. 2016. The global decline of cheetah *Acinonyx jubatus* and what it means for conservation. **PNAS 114(3): 528-533.**

EGRI, A.; BLAHO, M.; KRISKA, G.; FARKAS, R.; GYURKOVSZKY, M.; AKESSON, S. & HORVATH, G. 2012. Polarotactic tabanids find striped patterns with brightness and/or polarization modulation least attractive: an advantage of zebra stripes. **Journal of Experimental Biology 215: 736-745.**

EL DESMARQUE. 2019. **Giraldín, Titán, Nervi, SanFernandi... ¿Qué mascota prefieres para el Sevilla?** [on-line]. Disponível em: <https://eldesmarque.com/sevilla/sevilla-futbol-club/1168371-giraldin-titan-nervi-sanfernandique-mascota-prefieres-para-el-sevilla>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

FARIAS, I.P.; MARIONI, B.; VERDADE, L.M.; COUTINHO, M.E.; MENDONÇA, S.H.S.T.; VIEIRA, T.Q.; MAGNUSSON, W.E. & CAMPOS, Z. 2013. Avaliação do risco de extinção do jacaré-do-pantanal *Caiman yacare* (Daudin, 1802) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira 3(1): 21-30.**

FERRANDO, G. 2010. **La mascotte: Gatón Gattoni.** Zona Mucchio [on-line]. Disponível em: <https://zonamucchio.blogspot.com/2010/03/i-tifosi.html>. Acesso em 12 de abril de 2021.

FRIAR, S. 1987. **Um novo dicionário de heráldica.** Alphabooks.

FROESE, R. & PAULY, D. 2021. **Salminus brasiliensis (Curvier, 1816).** Fishbase [on-line]. Disponível em: <https://www.fishbase.se/summary/Salminus-brasiliensis>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

FURSTENBURG, D. 2011. Focus on the cheetah (*Acinonyx jubatus*). **Jour 54(56): 1-14.**

GOBIERNO DE SINALOA. 2020. **Quirino sostiene encuentro con pescadores de altamar** [on-line]. Disponível em: <https://sinaloa.gob.mx/noticias/cat/pesca-y-acuacultura#:~:text=Sinaloa%20es%20el%20primer%20lugar,729.6%20mdp%20para%20di%C3%A9sel%20marino>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

GONZÁLEZ, E. 2019. **O orgulho operário do primeiro time de Maradona.** El País [on-line]. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/20/deportes/1555785546_307898.html. Acesso em: 12 de abril de 2021.

GUERREIRO, J.C. 2004. A importância das joaninhas no controle biológico de pragas no Brasil e no mundo. **Revista Científica Eletrônica de Agronomia 3(5): 1-3.**

HARE, B.; BROWN, M.; WILLIAMSON, C. & TOMASELLO, M. 2002. The domestication of social cognition in dogs. **Science 298: 1634-1636.**

HARRINGTON, E. 2004. **Panthera leo.** Animal Diversity Web [on-line]. Disponível em: https://animaldiversity.org/accounts/Panthera_leo/. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

HARVEY, I. 2018. **Cheetahs were domesticated as house pets in ancient Egypt** [on-line]. Disponível em: <https://www.thevintagenews.com/2018/12/22/egyptians-cheetah/>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.



- HELAL, R.G. 1996. Futebol, cultura e cidade. **Logos** 3(2): 1-3.
- HOPE, S. 2014. **Podiceps cristatus**. Animal Diversity Web [on-line]. Disponível em: https://animaldiversity.org/accounts/Podiceps_cristatus/. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.
- HOWARD, L. 2003. **Podicipediformes**. Animal Diversity Web [on-line]. Disponível em: <https://animaldiversity.org/accounts/Podicipediformes/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.
- HU, Y.; HU, S.; WANG, W.; WU, X.; MARSHALL, F.B.; CHEN, X.; HOU, L. & WANG, C. 2014. Earliest evidence for commensal processes of cat domestication. **PNAS** 111(1): 116-120.
- HUGGINS, B. 2002. **Equus asinus**. Animal Diversity Web [on-line]. Disponível em: https://animaldiversity.org/accounts/Equus_asinus/. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.
- IL MUSEO DEL COMO, 2021. **Loghi e simboli sulle Maglie** [on-line]. Disponível em: <https://www.museodelcomo.it/loghi-e-simboli-sulle-maglie/>. Acesso em 12 de abril de 2021.
- INFOPÉDIA, 2021. **Grifo**. Infopédia [on-line]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$grifo](https://www.infopedia.pt/$grifo). Acesso: em 21 de janeiro de 2021.
- KHOROZYAN, I.; GHODDOUSI, A.; SOOFI, M. & WALTERT, M. 2015. Big cats kill more livestock when wild prey reaches a minimum threshold. **Biological Conservation** 192: 268–275.
- LAHTINEN, M.; CLINNICK, D.; MANNERMAA, K.; SALONEN, J.K. & VIRANTA, S. 2021. Excess protein enabled dog domestication during severe Ice Age winters. **Scientific Reports** 11: 7.
- LEAL, L.O.P. 2018. **Porque os lobos uivam**. Animal Business Brasil [on-line]. Disponível em: <https://animalbusiness.com.br/colunas/curiosidades-animais/porque-os-lobos-uivam/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- LESS, A.C. & BELL, D.J. 2008. A conservation paradox for the 21st century: the European wild rabbit *Oryctolagus cuniculus*, an invasive alien and an endangered native species. **Mammal Review** 38(4): 304-320.
- Lo BOSCO, 2002. **Un leone tra gli Azurri** [on-line]. Disponível em: <https://lobosco.com/root/ita/38italo.htm>. Acesso em: 13 de abril de 2021.
- LYMER, K. 2018. Griffins, myths and religion: a review of the archaeological evidence from ancient Greece and the early nomads of Central Asia. **Art of the Orient** 2018: 7.
- MACHADO, J.C. & PAIXÃO, R.L. 2014. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. **Revista Internacional Interdisciplinar - INTERThesis** 11(1): 231-253.
- MANGIN, J.P. 2012. **O leão e a sua simbólica**. Revista Filatélica [on-line]. Disponível em: www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/lazer/WebFilatelicamente/public_html/r111/artigo_html/revista111_9. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.
- MASSUTI, E.; DEUDERO, S.; SANCHEZ, P. & MORALES-NIN, B. 1998. Diet and feeding of dolphin-fish (*Coryphaena hippurus*) in western Mediterranean waters. **Bulletin of Marine Science** 63(2): 329-341.
- MAURO. 2018. **As aventuras de Maradona. Ora se vai. Ora se fica. Ora não é bem assim**. Bancada [on-line]. Disponível em: <https://bancada.pt/futebol/grandefutebol/as-aventuras-de-maradona-ora-se-vai-ora-fica-ora-nao-e-bem-assim>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- MAZÁK, V. 1970. The barbary lion, *Panthera leo leo* (Linnaeus, 1758). **Zeitschrift für Säugetierkunde** 35: 34–45.
- MECH, L.D. & BOITANI, L. 2007. **Wolves: behavior, ecology, and conservation**. University of Chicago Press.
- MEDIAWORLD DUBAI, 2012. **Al Wasl logo and mascot rational** [on-line]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_VeXfkWMAw4. Acesso em: 12 de abril de 2021.



MEDIOTEMPO, 2020. **Cuáles son los principales apodos de los grandes clubes del futbol argentino y su origen**, Mediotempo [on-line]. Disponível em: <https://www.mediotiempo.com/futbol/principales-apodos-clubes-futbol-argentino-origen>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

MONDOJUVE, 2021. **La Società**. Juventus Club Caserta “Gigi Buffon” [on-line]. Disponível em: <http://www.juventusclubcaserta.it/mondojuve/la-societa/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

NELSON, J.S. 2006. **Fishes of the world**. John Wiley & Sons Inc.

NOVALIS, J. 2013. **25 anos de um acesso espantoso: Deportivo Mandiyú, de Corrientes**. Futebol Portenho [on-line]. Disponível em: <https://www.futebolportenho.com.br/25-anos-de-um-acesso-espantoso-deportivo-mandiyu-de-corrientes/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

NOWAK, R. 1999. **Walker’s mammals of the world**. Johns Hopkins University Press.

OTTONI, C.; VAN NEER, W.; DE CUPERE, B.; DALIGAULT, J.; GUIMARÃES, S.; PETERS, J.; SPASSOV, N.; PRENDERGAST, M.E.; BOIVIN, N.; MORALES-MUÑIZ, A.; BĂLĂȘESCU, A.; BECKER, C.; BENECKE, N.; BORONEANT, A.; BUITENHUIS, H.; CHAHOUD, J.; CROWTHER, A.; LLORENTE, L.; MANASERYAN, N.; MONCHOT, H.; ONAR, V.; OSPYNSKA, M.; PUTELAT, O.; MORALES, E.M.Q.; STUDER, J.; WIERER, U.; DECORTER.; GRANGE, T. & GEIGL, E.M. 2017. The palaeogenetics of cat dispersal in the ancient world. **Nature Ecology & Evolution** 1: 0139.

OWEN, R. 1834. On the anatomy of the cheetah, *Felis jubata*, Schreb. **Transactions of the Zoological Society of London** 1835(1): 129-136.

PARKER, C.; SCHEEL, D. & PUSEY, A. 1990. Why lions form groups: food is not enough. **American Naturalist** 136(1): 1-19.

PARKER, S. 1990. **Grzimek's encyclopedia of mammals**. McGraw-Hill Inc.

PASSANESI, L. 2020. **Maradona: uma lenda que revolucionou Nápoles**. Futebol na Veia [on-line]. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/maradona-uma-lenda-que-revolucionou-napoles>. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

POLI, G. & CARMONA, L. 2009. **Almanaque do Futebol SporTV**. Casa da Palavra.

QUICOMO. 2017. **I tifosi hanno scelto: lo Svasso è la nuova mascotte del Como** [on-line]. Disponível em: <https://www.quicomo.it/sport/nuova-mascotte-como-svasso.html>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

RAMOS, J.E.M. 2020. **História da Páscoa** [on-line]. Disponível em: www.suapesquisa.com/historia_da_pascoa.htm. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

RIBEIRO, C.S.C.; LOPES, C.A.; CARVALHO, S.I.C.; HENZ, G.P. & REIFSCHEIDER, F.J. 2018. **Pimentas Capsicum**. Embrapa Hortaliças.

ROSSETO-JR., A.J. 2014. Cultura e esporte: o possível diálogo. **Revista da ALESDE** 4(2): 46-55.

ROSSI, P. & CAPPELETTI, F. 2019. **Quanto dura un attimo**. Mondadori.

RUBENSTEIN, D.I. 2010. Ecology, social behavior, and conservation in zebras. *In*: MACEDO, R. (ed.), **Advances in the study of behavior**. Academic Press, p. 231-258.

SANS, E.C.O.; RÜNCOS, L.H.E.; SORIANO, V.S.; SCHNAIDER, M.A. & MOLENTO, C.F.M. 2018. Consequências da seleção artificial para o bem-estar animal. **Revista Acadêmica Ciência Animal** 16(1): e16110.

SERPELL, J. 2000. Domestication and history of the cat. *In*: TURNER, D.C. & BATESON, P. (ed.), **The domestic cat: the Biology of its behaviour**. Cambridge University Press, pp. 180-191.

SHANNON, L.M.; BOYKO, R.M.; CASTELHANO, M.; COREY, E.; HAYWARD, J.J.; MCLEAN, C.; WHITE, M.E.; SAID, M.A.; ANITA, B.A.; BONDJENGO, N.I.; CALERO, J.; GALOV, A.; HEDIMBI, M.; IMAM, B.; KHALAP, R.; LALLY, D.; MASTA, A.; OLIVEIRA, K.C.; PÉREZ, L.; RANDALL, J.; TAM, N.M.; TRUJILLO-CORNEJO, F.J.; VALERIANO, C.; SUTTER, N.B.; TODHUNTER, R.J.;



- BUSTAMANTE, C.D. & BOYKO, A.R. 2015. Genetic structure in village dogs reveals a Central Asian domestication origin. **PNAS** **112**: 13639-13644.
- SIGRIST, T. 2009. **Avifauna brasileira: descrição das espécies**. Editora Avis Brasilis.
- SILBERSTEIN, M. 2011. **Leporidae**. Animal Diversity Web [on-line]. Disponível em: <https://animaldiversity.org/accounts/Leporidae/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.
- SILVA, S.B. 2019. **Todas as mascotes da Copa América**. Campeões do Futebol [on-line]. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/copa_america_mascotes.html. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- SIMBERLOFF, D. 1998. Flagships, umbrellas and keystones: is single species management passé in the landscape era? **Biological Conservation** **83**: 247-257.
- SMITH, C. 2017. **Cats domesticated themselves, ancient DNA shows**. National Geographic [on-line]. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/news/2017/06/domesticated-cats-dna-genetics-pets-science/>. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.
- SMITH, J. 2002. **Canis lupus**. Animal Diversity Web [on-line]. Disponível em: https://animaldiversity.org/accounts/Canis_lupus/. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.
- SMITH, T.D. & VAN VALKENBURGH, B. 2020. The dog-human connection. **The Anatomical Record** **304**: 10-18.
- SOUZA, A.L.; PRIMO, C.P.L.; SANTOS, R.G.; CONCEIÇÃO, S. & SOUZA, A.L. 2011. **Análise do futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural**. Revista Digital EFDportes [online]. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd159/futebol-como-um-fenomeno-sociocultural.htm>. Acesso em: 18 de janeiro de 2021.
- SPALDING, T.O. 1982. **Dicionário da Mitologia Greco-Latina**. Editora Itatiaia.
- STEVENS, M.; YULE, D.H. & RUXTON, G.D. 2008. Dazzle coloration and prey movement. **Proceedings of the Royal Society B** **275**: 2639-2643.
- STRAUBE, F.C. 2010. As aves nos símbolos do futebol brasileiro: escudos. **Atualidades Ornitológicas** **158**: 33-48.
- SYNESIA. 2021. **Torino: l'origine del nome è davvero legata al toro?** [on-line]. Synesia – branding et naming. Disponível em: <https://www.synesia.com/2019/01/31/torino-origine-del-nome/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- THALMANN, O.; SHAPIRO, B.; CUI, P.; SCHUENEMANN, V.J.; SAWYER, S.K.; GREENFIELD, D.L.; GERMONPRÉ, M.B.; SABLIN, M.V.; LÓPEZ-GIRÁLDEZ, F.; DOMINGO-ROURA, X.; NAPIERALA, H.; UERPMANN, H.P.; LOPONTE, D.M.; ACOSTA, A.A.; GIEMSCH, L.; SCHMITZ, R.W.; WORTHINGTON, B.; BUIKSTRA, J.E.; DRUZHKOVA, A.; GRAPHODATSKY, A.S.; OVODOV, N.D.; WAHLBERG, N.; FREEDMAN, A.H.; SCHWEIZER, R.M.; KOEPLI, K.P.; LEONARD, J.A.; MEYER, M.; KRAUSE, J.; PÄÄBO, S.; GREEN, R.E. & WAYNE, R.K. 2013. Complete mitochondrial genomes of ancient canids suggest a European origin of domestic dogs. **Science** **342**: 871-874.
- TRIBUNA EXPRESSO. 2018. **Era uma vez Maradona na Bielorrússia: uma aventura com monster trucks, coelhos, anéis, abraços e um jogo futebol** [on-line]. Disponível em: <https://tribunaexpresso.pt/futebol-internacional/2018-07-17-Era-uma-vez-Maradona-na-Bielorrussia-uma-aventura-com-monster-trucks-coelhos-aneis-abracos-e-um-jogo-de-futebol>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- URAS, N. 2018. **La seconda vita di Pegri, la mascotte del Perugia raccontata da suo ideatore Carlo Zoppitelli** Gruppo Corriere dell' Umbria. [on-line]. Disponível em: <https://corrieredellumbria.corr.it/news/calcio/536751/la-seconda-vita-di-pegri-la-mascotte-del-perugia-raccontata-da-suo-ideatore-carlo-zoppitelli.html>. Acesso em: 12 de abril de 2021.
- VEJA. 2012. **Cantor Carlos Gardel, ícone argentino, nasceu na França**. Revista Veja [on-line]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/cantor-carlos-gardel-icone-argentino-nasceu-na-franca/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.



- VERDUGO, M.P.; MULLIN, V.E.; SCHEU, A., MATTIANGELI, V.; DALY, K.G.; DELSER, P.M.; HARE, A.J.; BURGER, J.; COLLINS, M.J.; KEHATI, R.; HESSE, P.; FULTON, D.; SAUER, E.W.; MOHASEB, F.A.; DAVOUDI, H.; KHAZAELI, R.; LHUILLIER, J.; RAPIN, C.; EBRAHIMI, S.; KHASANOV, M.; FARHAD, V.; MACHUGH, D.E.; ERTUĞRUL, O.; KOUKOULI-CHRYSANTHAKI, C.; ASPSON, A.; KAZANTSIS, G.; KONTOPOULOS, I.; BULATOVIC, J.; STOJANOVIĆ, I.; MIKAD, A.; BENECKE, N.; LINSTÄDTER, J.; SABLIN, M.; BENDREY, R.; GOURICHON, L.; ARBUCLÉ, B.S.; MASHKOUR, M.; ORTON, D.; HORWITZ, L.K.; TEASDALE, M.D. & BRADLEY, D.G. 2019. Ancient cattle genomics, origins, and rapid turnover in the Fertile Crescent. **Science** **365**(6449): 173-176.
- VIGNE, J.D.; GUILAINE, J.; DEBUE, K.; HAYE, L. & GERARD, P. 2004. Early taming of the cat in Cyprus. **Science** **304**: 259.
- VIVIERS, H. 2019. The “wonderful” donkey – of real and fabled donkeys. **HTS Teologiese Studies / Theological Studies** **75**(3): a5479.
- WANG, G.D.; ZHAI, W.; YANG, H.C.; ZHONG, L.; LIU, Y.H.; FAN, R.X.; YIN, T.T.; ZHU, C.L.; POYARKOV, A.D.; IRWIN, D.M.; HYTÖNEN, M.K.; LOHI, H.; WU, C.I. & ZHANG, Y.P. 2016. Out of southern East Asia: the natural history of domestic dogs across the world. **Cell Research** **26**: 21-33.
- WILSON, D.E. & REEDER, D.M. 2005. **Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference**. Johns Hopkins University Press.
- WIKIAVES, 2021. **Sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*)**. WikiAves, a enciclopédia das aves do Brasil [online]. Disponível em: www.wikiaves.com.br/wiki/sabia-laranjeira. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.
- WYATT, N. 2009. Grasping the griffin: identifying and characterizing the griffin in Egyptian and West Semitic Tradition. **Journal of Ancient Egyptian Interconnections** **1**(1): 29-39.
- ZEDER, M.A. 2012. The domestication of animals. **Journal of Anthropological Research** **68**(2): 161-190.

Publicado em 15-06-2021

